

## **CLIPPING SEMANAL DE MINERAÇÃO 17 a 21 de novembro de 2014**

**(Coordenação: Karen C. Nasser de F. Borges, Ad Hoc Consultores Associados Ltda)**

### **DESTAQUES DA SEMANA**

O noticiário semanal além da impressão de que os preços do minério já estão tocando o fundo do poço, trás como destaque a realização do 4º Congresso de Mineração da Amazônia.

Quanto aos preços do minério de ferro, não há muito que se comentar, pois a combinação desastrosa entre o quadro de superoferta e a queda da demanda global está criando um clima darwiniano, em que somente as empresas mais competitivas sobreviverão no longo prazo. É esperar pra ver.

Já o noticiário sobre o Congresso trás uma série de informações importantes, que compõem de maneira muita rica, um retrato da realidade corrente do Setor Mineral Brasileiro, que pode ser resumido como um momento decisivo para o futuro da mineração brasileira, no qual ou o Poder Público assume uma postura de fomento á pesquisa e à produção mineral, aprimorando os de outorga e licenciamento de autorizações e concessões, de forma a torná-lo mais racional, previsível e simples, ou perderemos talvez a melhor chance de retomarmos o desenvolvimento de nossos recursos minerais de forma sustentável e competitiva. Isso porque, apesar da conjuntura de contração de preços, o aumento da demanda mineral decorrente da afluência de enormes contingentes populacionais que não têm acesso às comodidades básicas da vida contemporânea é um processo irreversível, que demandará quantidades crescentes de praticamente todos os produtos minerais. A conclusão da leitura integrada de todos os temas tratados no Congresso é uma só: o Brasil precisa urgentemente de definições rápidas e corretas para sua política mineral. A urgência das definições diz respeito ao fim da tergiversação sobre a desastrosa tentativa de mudança da legislação mineral que está emperrando investimentos, destruindo empregos e estoques de conhecimentos adquiridos ao longo de anos de investimentos no segmento da pesquisa mineral. Enquanto sua correção está relacionada à solução de problemas regulatórios e estruturais, tais como a irracionalidade burocrática, a centralização exagerada de poder na esfera federal em detrimento aos estados e municípios , em especial no que diz respeito à pequena e média mineração, e à irracionalidade tributária, no âmbito regulatório e, no âmbito estrutural os custos de energia, transporte e comunicações, que, todos cominados comprometem de maneira quase fata a competitividade da indústria nacional, impedindo a tão desejada agregação e valor aos produtos minerais.

Em resumo, a “mídia mineral” da semana está excepcionalmente rica, graças à oportunidade rara de relatar um evento que concentra um rico acervo de informações e discussões atualizadas sobre os temas mais palpitantes da agenda setorial, fazendo desta edição do nosso Clipping Semanal um verdadeiro presente aos seus leitores.

***Luciano de Freitas Borges – Ad Hoc Consultores Associados Ltda.***

**1-17/11/2014**

## **Setor siderúrgico deve rever projetos de mineração**

Por Fernanda Guimarães e Beth Moreira | Estadão

As produtoras de minério de ferro que não têm logística integrada, caso das siderúrgicas Gerdau e Usiminas, deverão oficializar a pisada no freio de seus investimentos em mineração após a queda livre do preço do minério de ferro e diante da falta de perspectiva de melhora dos valores no médio prazo. Como o mercado interno não é capaz de absorver a produção dessas minas, as usinas que decidiram no passado pela verticalização, com atenção para a venda do excedente ao mercado externo, deverão reduzir o ritmo e manter o volume necessário.

O mau humor em relação aos projetos de mineração começou a crescer diante da ausência de recuperação dos preços, que continuam abaixo do patamar de US\$ 80 a tonelada. Somado a isso, as instituições financeiras passaram a divulgar perspectiva difícil para o insumo. O Citi divulgou nesta semana que prevê que no terceiro trimestre de 2015, uma tonelada de minério de ferro passe a custar US\$ 65 no mercado à vista chinês, caindo em seguida para US\$ 50.

O maior foco no minério de ferro levou a Gerdau a dedicar um espaço para sua operação em mineração, com olhos na estratégia de aumento da produção. A Gerdau projeta uma capacidade de 18 milhões de toneladas de minério de ferro em 2016 e de 24 milhões de toneladas em 2020, ante as 11,5 milhões atuais. Mas essas metas estão próximas de mudar. Na semana passada, a companhia admitiu que com a atual situação do mercado global o ritmo de execução dos investimentos em mineração está sendo revisado.

A Usiminas, que tem na pasta um projeto para ampliar a sua produção de minério de ferro, disse que vai aguardar antes de decidir levar o programa adiante. Entre as siderúrgicas brasileiras, a Companhia Siderúrgica Nacional (CSN) é a única com logística integrada. A companhia aumentou suas vendas no terceiro trimestre em 1% na relação anual, mas sua receita líquida de mineração apresentou forte queda. A CSN admitiu que pode reduzir seus investimentos para tentar amenizar sua alavancagem, ponto analisado com preocupação por analistas de mercado. As informações são do jornal **O Estado de S. Paulo**.

**2-17/11/2014**

## **Vale anuncia dois novos diretores executivos**

Por Eulina Oliveira | Estadão Conteúdo

A Vale informou nesta sexta-feira, 14, que Peter Poppinga assumirá o cargo de diretor executivo de Ferrosos, com efeito imediato, com a nomeação já aprovada pelo conselho de administração. "José Carlos Martins, que ocupava o cargo previamente, está deixando a Vale para buscar novos desafios profissionais em sua vitoriosa carreira", diz o comunicado. Poppinga ocupava a diretoria executiva de Metais Básicos e TI, que será assumida por Jennifer Maki.

Segundo a nota, Poppinga ingressou na Vale em 1999 na área Comercial de Minério de Ferro e ocupou várias posições nos escritórios comerciais da empresa no exterior, tendo sido diretor de Vendas em Nova York, na Bélgica e CEO da Vale International na Suíça. Em 2011, foi nomeado diretor executivo de Metais Básicos e TI, liderando 16 operações em todo o mundo.

"Por meio de sua liderança em Metais Básicos, o Ebitda do negócio aumentou de US\$ 600 milhões em 2012 para cerca de US\$ 3 bilhões em 2014 devido, em grande parte, ao aumento da produtividade e à redução de US\$ 1,4 bilhão nos custos do negócio", diz a mineradora, no comunicado. "Como resultado, o fluxo de caixa que era negativo em US\$ 3 bilhões em 2012 aumentou para US\$ 1 bilhão positivo em 2014, apesar de uma piora no cenário de preços."

Jennifer, por sua vez, foi admitida na Vale em 1993 como assistente de Controladoria. Neste período, Jennifer exerceu diversas posições como VP & Tesouraria e Chief Financial Officer (CFO). "Desde janeiro de 2014 ocupa a posição de diretora de Finanças e Administração de Metais Básicos, além de participar ativamente da gestão dos negócios de Metais Básicos fora do Canadá, com assento no conselho de administração da PTVI (Indonésia) desde 2007, sendo atualmente presidente do mesmo."

"Nessas posições, Jennifer deixou contribuições relevantes, atuando firmemente na gestão e controle dos custos, na implementação da estratégia para obtenção de recursos para o negócio, na negociação de acordos de joint ventures de metais básicos, na coordenação do equacionamento das questões relativas aos fundos de pensão das empresas do grupo de metais básicos, dentre outras", acrescenta a Vale.

**3-17/11/2014**

**NOVA FRONTEIRA**

Uma das regiões com maior potencial de jazidas minerais no planeta, a Amazônia deverá se tornar uma das principais fronteiras da indústria de mineração no mundo ao longo dos próximos anos. Explorar essas riquezas de forma sustentável, preservando o equilíbrio ambiental, é o grande desafio das empresas que conduzem pesquisas geológicas e das mineradoras. "A mineração do futuro envolve o tripé: função social, sustentabilidade e competitividade. Quanto menos recursos naturais forem aproveitados, menores os custos de produção", afirma o presidente do **Instituto Brasileiro de Mineração (Ibram)**, José Fernando Coura.

Entre 2014 e 2018, a indústria prevê investimentos de US\$ 53,6 bilhões no Brasil, com destaque para minério de ferro, que deverá responder por dois terços desse montante, com US\$ 35 bilhões. Em segundo lugar vem o potássio, com US\$ 7 bilhões em recursos, e a bauxita, com US\$ 2,97 bilhões. Minas Gerais deve continuar liderando investimentos, com US\$ 22,4 bilhões, ou 41% do total previsto, mas a região Amazônica está mais presente: o Pará será o segundo principal destino de investimentos, com projeção de atrair US\$ 11,7 bilhões, 22% do total investido. Já o Amazonas deve ficar com cerca de US\$ 2 bilhões, respondendo por 3,5% dos recursos a serem aplicados.

Hoje o setor vive um ciclo de baixa dos preços, que caíram aos menores níveis em quase dez anos, diante de um excesso de oferta de metais, com destaque para o minério de ferro, e da redução do ritmo da economia chinesa, que deixou de crescer dois dígitos por ano. Mas o cenário de médio e longo prazos continua positivo. "A China ainda deve crescer 7,5% ao ano, a Indonésia, com 200 milhões de pessoas, cresce 3% ao ano, a Índia poderá crescer 10% ao ano nos próximos dez anos, a Ásia continuará sendo o centro da demanda mundial", estima Ronaldo Valiño, líder de mineração da PwC.

No contexto atual, as empresas devem reforçar a lição de casa e trabalhar com projetos de redução de custos e desinvestimento em áreas não estratégicas.

Os investimentos minerais no Norte têm tido impacto sobre as economias locais. Ano passado, a balança mineral do Pará registrou um saldo total de US\$ 11,9 bilhões. Em 2012, esse saldo foi de US\$ 10,4 bilhões. As exportações de bens minerais têm uma representação significativa no Estado, representando 75,8% do total exportado no ano passado. Em 2013, o Estado representou 73,3% das exportações de cobre e 30,3% do minério de ferro no Brasil.

Investir em jazidas na região Norte implica discutir os impactos dos projetos com a sociedade. "Há ideias equivocadas entre as pessoas sobre os impactos da atividade de mineração, com muitos achando que o cenário é de total destruição do meio ambiente, com extinção de nascentes, poluição do solo", afirma Coura. Recente estudo do Ibram, realizado pela FGV e concluído em setembro, indica que o impacto da atividade, em especial do minério de ferro, seria muito baixo se comparado a outras atividades.

Segundo dados do estudo, o minério de ferro impacta uma área de 128 mil hectares no Brasil, enquanto outras atividades, como agricultura e pecuária, chegam a ocupar,

isoladamente, uma área até 1.241 vezes maior. Se forem considerados em conjunto com a área ocupada pela mineração, o valor adicionado ao PIB e a geração de emprego, o estudo aponta que o impacto seria ainda menor: o minério gera 10,2 empregos por hectare impactado, 155 vezes mais que outros setores intensivos, e adiciona R\$ 417 mil para cada hectare, 819 vezes mais.

O cuidado com o meio ambiente está na agenda das empresas. A Vale pretende dar um salto em suas operações de minério de ferro até o fim desta década. Parte dessa expansão se dará com as operações no Pará, cuja província de Carajás detém uma das maiores reservas de alta qualidade de minério no mundo. Conhecido no mercado como S11D, o projeto prevê o acréscimo de 90 milhões de toneladas anuais de metal e investimentos de cerca de US\$ 20 bilhões.

Uma das novidades do projeto é a adoção de um sistema que evita o uso de caminhões. No lugar de usar cem veículos pesados para a operação, serão instalados 37 km de correias transportadoras. A substituição, além de diminuir a quantidade de resíduos, como pneus, filtros e lubrificantes, permitirá a redução de 77% do consumo de diesel. Se comparados aos sistemas convencionais, o modelo inovador e o beneficiamento do minério a umidade natural possibilitarão reduzir em 50% as emissões de gases de efeito-estufa (GEE) ou 118 mil toneladas de CO2 equivalentes por ano.

Como em outras minas do Complexo Minerador de Carajás, o projeto usará o sistema de lavra a céu aberto. Esse sistema apresenta algumas vantagens em relação à extração subterrânea, como o menor custo de produção, a facilidade de supervisão, melhores condições de trabalho e redução de riscos para os trabalhadores. O empreendimento pode ampliar a geração de riqueza na região. O salário médio na fase de operação chega a ser cinco vezes superior ao salário médio que prevalecia na economia formal. Segundo o Censo 2010, os dois maiores PIB per capita do Estado, em 2008, eram, respectivamente, Canaã dos Carajás (R\$ 48.639,03) e Parauapebas (R\$ 45.225,41). Com o projeto S11D, os benefícios poderão ser ainda maiores.

Será preciso avançar na pesquisa mineral. "A região Norte é menos conhecida do ponto de vista geológico e tem potencial para vários minerais; para incentivar esse elo seria preciso pensar na articulação da cadeia mineral e na retomada dos investimentos, que vivem sob a ameaça do Código Mineral", diz Luiz Vessani, diretor da Associação Brasileira de Empresas de Pesquisa Mineral (ABPM). O novo Código de Mineração trará uma novidade em relação à atual lei: o governo irá exigir licitação para todas as outorgas de jazidas minerais a serem exploradas. Hoje quem assume o risco de identificar e explorar se as reservas são comercialmente viáveis obtém a jazida mediante autorização do próprio governo. Teme-se que o processo, além de oneroso, se torne mais burocratizado, o que poderia tornar as operações de pesquisa mais caras.

Fonte: Valor Econômico

**4-17/11/2014**

## **LICENCIAMENTO É TEMA POLÊMICO**

Barulho, poeira e resíduo. A atividade de mineração ainda é lembrada por grandes obras que causam imensos processos migratórios, perda de biodiversidade e contaminação de aquíferos. Ainda que sua participação na emissão de gases de efeito-estufa não seja tão representativa, o setor passou a ser cobrado por uma postura mais sustentável. Por outro lado, não é possível imaginar a vida moderna, com o conforto que oferece, sem a prática da extração mineral.

Na tentativa de equilibrar a difícil equação de exercer atividades de forma lucrativa, sem gerar tantos impactos negativos, instrumentos como o licenciamento ambiental e a avaliação de impacto se tornam imprescindíveis. O objetivo é compatibilizar o desenvolvimento econômico e social com a preservação da qualidade do meio ambiente, meta prevista na Política Nacional do Meio Ambiente.

Mas, com quase 30 anos de existência, o licenciamento ainda causa desavenças e um certo desconforto nas empresas. "Hoje, o setor domina a tecnologia, possui os melhores profissionais para fazer estudos ambientais e entende bem como mitigar os impactos de seus projetos", diz Rinaldo César Mancin, diretor de assuntos ambientais do Instituto Brasileiro de Mineração (Ibram).

No entanto, nos últimos dez anos, o reconhecimento da importância do patrimônio cultural do país e uma maior compreensão sobre a interdependência entre a economia e os recursos naturais fizeram surgir novas legislações que se referem a comunidades tradicionais, patrimônio cultural, cavidades geológicas, entre outras.

Os novos requisitos têm sido recebidos com descontentamento. "O licenciamento ambiental se tornou imprevisível, pois para cada item citado é necessária a autorização de um órgão diferente do governo", diz Mancin, do Ibram. Um único projeto pode envolver a Funai, caso este esteja próximo a terras indígenas; envolver o Iphan, caso tenha resquícios antropológicos; ou ainda o ICMBio, se for preciso mexer em cavernas.

"Isso confirma minha tese da complexidade do licenciamento, que foi pensado para atender requisitos ambientais e hoje incorporou outros temas no processo", afirma Mancin. "O prazo para um licenciamento ambiental pode levar até dois anos", afirma.

Com outro olhar sobre a questão, Luis Enrique Sánchez, chefe do departamento de Engenharia de Minas e de Petróleo da Escola Politécnica da Universidade de São Paulo e ex-presidente da Associação Internacional de Avaliação de Impactos (IAIA, sigla em inglês), explica que alguns recursos ambientais que não eram considerados anteriormente passaram a ser valorizados por meio de requisitos legais.

"Esses elementos sociais e culturais sempre existiram, mas apenas nos últimos anos passaram a ser levados em conta pelas empresas", diz Sánchez. "Por exemplo, já existiam estudos de impacto para cavernas, mas não havia uma regra. Dependia muito

se as empresas de consultoria estavam atentas e se possuíam profissionais capacitados e sensíveis aos temas. Ao longo dos anos, as questões ganharam relevância e o licenciamento se tornou mais complexo".

Apesar de não agradar, essa complexidade no licenciamento ambiental deve aumentar ainda mais, alerta o especialista. Segundo Sánchez, agências como a Corporação Financeira Internacional (IFC, sigla em inglês), já consideram em seus requisitos de financiamento de projetos o fato das atividades das empresas afetarem os serviços oferecidos pelo ecossistema. "Esses pontos ainda não são considerados no Brasil, mas em breve deverão ser adotados", afirma Sánchez.

Ele acredita que o licenciamento ambiental tem o objetivo de influenciar na forma como os projetos são concebidos. Em sua visão, muitas empresas ainda enxergam o licenciamento como um processo burocrático e formal, apenas para a obtenção de uma licença, enquanto o instrumento deveria ser tratado de forma estratégica.

"O correto seria que o licenciamento fizesse parte da concepção do projeto e tivesse a mesma importância que fatores técnicos e econômicos", diz Sánchez. "O impacto ambiental de um projeto é determinante para seu sucesso e, por isso, não deve ser deixado para o final". Outro ponto polêmico é definir onde termina o papel da empresa e começa a responsabilidade do governo. As grandes obras podem modificar drasticamente os municípios onde as mineradoras operam.

Se de um lado as empresas clamam levar desenvolvimento para a região, por outro governo e sociedade demandam que a empresa realize ações para compensar os impactos negativos gerados por suas atividades.

As compensações vão desde construir estradas e hospitais e passam pela criação de mais escolas ou um sistema de saneamento básico. "O problema é a falta de políticas públicas que causam problemas sociais, os quais são jogados na conta da empresa", afirma Mancin.

Fonte: Valor Econômico

**5-17/11/2014**

## **EXPLORAÇÃO EXIGE TÉCNICAS CADA VEZ MAIS INOVADORAS**

Cada vez mais, as mineradoras recorrem a soluções tecnológicas inovadoras para extrair metais. Assim como na indústria de petróleo, está perto do fim o tempo de exploração fácil do minério. Hoje, os metais são extraídos a profundidades cada vez maiores.

Ter minas subterrâneas não é algo trivial. Exige construir túneis de ventilação tanto para a respiração dos funcionários quanto para os motores de combustão de equipamentos. E, assim como na exploração do petróleo, fazer um furo é uma operação custosa, que pode passar de US\$ 1 bilhão. A mineração do futuro envolve menos gente e mais meios para

gerenciar as máquinas elétricas à distância, já que é preciso controlar o que está a centenas de metros abaixo do centro de controle ou em lugares remotos, como a Amazônia.

"A mineração brasileira é compatível com o estado da arte da tecnologia em todo o mundo, mas a exploração em camadas profundas é incipiente no país, pois a tradição do Brasil, desde os tempos coloniais, sempre foi a exploração a céu aberto porque havia minério farto. Agora minérios como potássio e ouro estão tendo de ser extraídos em camadas mais profundas por empresas como a Vale e a AngloGold Ashanti ", diz Marcelo Ribeiro Tunes, diretor de assuntos minerários do Instituto Brasileiro de Mineração (Ibram).

Segundo Luiz Mello, diretor de tecnologia da Vale, o desafio é encontrar o minério que justifique a exploração econômica. Além de estudos geofísicos - que avaliam as interferências eletromagnéticas - e das análises sísmicas, estão sendo desenvolvidas novas técnicas como a que avalia raios cósmicos e partículas Muon. Trata-se de radiação presente no espaço que pode ter a trajetória alterada pelo campo gravitacional quando encontra um corpo, o que pode indicar a presença de minério.

"A Vale já considera aprovar um projeto de pesquisa nessa linha. São novas técnicas para buscar corpos minerais que estão cada vez mais difíceis de encontrar", diz Mello. Ele explica que a empresa faz exploração a céu aberto na maioria de suas minas. As exceções são as minas de potássio em Sergipe e a de manganês no Pantanal. Nem por isso, deixa de recorrer à alta tecnologia.

O Projeto Ferro Carajás S11D, cujas características o diferenciam de qualquer empreendimento já instalado pela companhia, reúne vários exemplos de inovação. Entre eles, os principais equipamentos de S11D serão movidos a energia elétrica. Só tratores de esteiras, motoniveladoras e outras máquinas auxiliares continuarão consumindo diesel. Outra inovação do projeto é a utilização de equipamentos fabricados e instalados em módulos, conceito já usado pela indústria de petróleo na construção de plataformas marítimas. As estruturas, que vão compor a usina, são totalmente moduladas, num sistema pioneiro que fará com o que o concreto seja usado somente nas fundações.

A AngloGold Ashanti opera minas de ouro a uma profundidade de 1,2 mil metros. Esse é o caso da Mina Cuiabá, situada no município de Sabará, na região do Quadrilátero Ferrífero, em Minas Gerais. A empresa também tem minas subterrâneas em Goiás, nas operações da Unidade de Negócio Serra Grande, na cidade de Crixás. São três minas subterrâneas e uma a céu aberto, além da planta de tratamento de minério.

"São minas modernas com acessos por meio de caminhões capazes de transportar até 40 toneladas. A mina Cuiabá conta com mais de 100 km de túneis escavados, quatro poços de ventilação e um de elevador para transporte de pessoas, materiais e minério", diz Camilo Farace, vice-presidente de operações em Minas Gerais.



Ele diz que a mineração hoje não consegue sobreviver sem tecnologia. Na mina Cuiabá e em outras, estão sendo utilizadas sondas canadenses que realizam perfurações de até 2 mil metros. Farace explica que a precisão tem de ser maior do que nos campos de petróleo porque o corpo mineral pode ter apenas 5 metros de largura.

Fonte: Valor Econômico

**6-17/11/2014**

### **Setor requer choque de eficiência global** Por Paulo Vasconcellos | Para o Valor, do Rio

Daniel de Araújo Peixoto, da EY: "A exposição aos riscos agora se torna crucial com o preço a US\$ 80 a tonelada"

A mineração mundial depende de um choque de eficiência. Com a cotação da commodities minerais em baixa, três de cada dez empresas do setor ganham por tonelada exatamente tudo o que gastam para produzi-la. O estudo "Business risk facing mining and metals", do Centro de Mineração da Ernest & Young (EY), que todos os anos aponta as dez principais ameaças à indústria, na edição deste ano destaca a produtividade como vilã.

O décimo risco da pesquisa, mas um dos primeiros na América Latina e no Brasil, é o acesso à água e à energia para atender a produção mineral. O setor também é confrontado com o aumento dos desafios na mudança de expectativas para a manutenção das licenças sociais para operar, as dificuldades de execução de projetos de capital e o atendimento de demandas governamentais de olho em uma fatia das receitas do negócio.

"Estamos no meio do furacão. Agora é hora de o setor ser competitivo", diz o geólogo Augusto Mendonça, PhD em economia mineral pela Colorado School of Mines, um dos palestrantes do painel "O cenário da economia mineral: tendências, riscos e oportunidades", na Exposição Internacional de Mineração da Amazônia (Exposibram), no Centro de Convenções de Belém, no Pará. "A exposição aos riscos, que há dez anos não era prioridade das mineradoras quando a cotação estava em US\$ 100 a tonelada, agora se torna crucial, com o preço a US\$ 80 a tonelada. As grandes mineradoras tiveram que rever os investimentos em novos projetos. As menores estão com dificuldade de capital para desenvolver a exploração de novos projetos e até para sobreviver", afirma Daniel de Araújo Peixoto, diretor de auditoria do Centro de Energia e Recursos Naturais da EY, outro paineleiro do evento. "A chave para sair dessa turbulência é a produtividade", diz Marcelo Ribeiro Tunes, diretor de assuntos minerários do Instituto Brasileiro de Mineração (Ibram). "As mineradoras reduziram os gastos reduzindo os projetos. A questão agora é como sustentar os níveis de gastos em

patamares reduzidos", afirma Pieter Van Djik, sócio responsável pelo setor de mineração da consultoria KPMG.

A fraca atividade econômica mundial explica parte dos problemas do setor mineral, mas também afeta as commodities agrícolas. A volatilidade, dizem os especialistas, tem a ver com as oscilações do mercado, mas também com a complexidade de um segmento acostumado a ciclos. A concentração da indústria da mineração entre quatro grandes empresas tem reflexos na competitividade. No Brasil, que tem participação importante no mercado, com a Vale, o quadro sofre o impacto da falta de infraestrutura. A oneração de equipamentos e mão de obra eleva o custo de produção no país acima dos patamares internacionais.

Na América Latina e no Brasil há ainda as dificuldades de acesso à água e à energia. Em minas localizadas em áreas mais remotas, a escassez de insumos é mais crítica. O reúso da água virou política estratégica da Vale. Para atender a produção de cobre em mina Escondida, no Chile, localizada no deserto do Atacama, a mineradora australiana BHP Billiton e suas parceiras no projeto vão investir US\$ 3,43 bilhões em uma usina de dessalinização da água do mar.

A licença social também pesa na contabilidade da indústria. A Southern Perú teve que oferecer em audiência pública um aporte equivalente a quase US\$ 35 milhões em projetos de mitigação de possíveis danos ambientais para conseguir a licença para a produção da mina de cobre Tia Maria, no Peru. Governos em todo o mundo têm implantado medidas de nacionalização dos recursos minerais por meio de royalties ou impostos.

"O ponto crítico não é o preço baixo, mas a complexidade do setor e a falta de competitividade", diz o geólogo Augusto Mendonça. "Ha incertezas para a mineração em muitos lugares do mundo, mas o desafio comum é o da produtividade. As mineradoras têm procurado soluções pontuais, com o corte de custos na fase de produção, como o uso de menos explosivos, mas isso não tem sido muito eficaz e pode até provocar um aumento dos gastos. Seria melhor rever todo o projeto para focar mais nas áreas rentáveis", diz Peixoto, da EY.

Mas o cenário que os especialistas vislumbram para o futuro da mineração é otimista. A aposta se baseia em algumas premissas incontestáveis: a população mundial continua crescendo, boa parte dela nem chegou ao mercado de consumo e o processo de urbanização se torna cada vez mais acelerado. Tudo isso demanda minério. O quadro, superados os entraves logísticos e legais, é bom para o Brasil. Além do minério de ferro, o país tem reservas de bauxita que já poderiam fazê-lo evoluir do sexto para o terceiro lugar no ranking mundial de alumínio se o objetivo não tivesse esbarrado no preço da energia. O nióbio brasileiro, muito usado nas indústrias automobilísticas e aeronáutica, já responde por 95% da produção mundial.

**7-17/11/2014**

## **Emissões de gases estufa cresceram 10%**

Por **Tom Cardoso** | Para o Valor, de São Paulo

Realizado pelo Instituto Brasileiro de Mineração (Ibram) com o objetivo de ampliar e aprofundar gradativamente o estudo de emissões de gases de efeito estufa no setor mineral, o 2º Inventário de Gases Efeito-Estufa apresenta informações da extração no ano de 2011 para os 16 bens mineiros mais representativos economicamente e em quantidade extraída. Para Cláudia Salles, gerente de assuntos ambientais do Ibram, os dados consolidados do estudo, em comparação ao primeiro inventário, de 2008, mostram um crescimento de 10% das emissões totais de gases do efeito estufa (GEE) - aumento que é justificado, segundo o instituto, pelo próprio aumento da produção mineral, que é diretamente proporcional às emissões. "É preciso levar em conta outros fatores que podem interferir no resultado como a adoção de novos processos produtivos, sequestro e estoque de carbono e mudança da matriz energética."

"Verificou-se também que as emissões referentes ao escopo 1 (diretas) representaram um total de 97% das emissões de GEE. As de escopo 2 (indiretas) ficaram em 3% do total, excluindo-se valores de gipsita e rochas ornamentais que não tiveram suas emissões separadas por escopo", diz Cláudia. Um comparativo com 2008 revela aumento de 14% das emissões diretas e diminuição de 46% nas indiretas. "Vale ressaltar que essa redução expressiva é efeito de políticas de conservação de energia."

Segundo a gerente do Ibram, o setor de mineração é pioneiro nas discussões sobre clima - tanto as empresas associadas ao instituto, quanto o próprio Instituto Brasileiro de Mineração, com a publicação do 2º Inventário. "Vamos dar um passo importante no aprofundamento do diálogo no âmbito da Política Nacional Sobre Mudança de Clima (PNMC)", afirma. Cláudia ressalta que o estudo tem o objetivo alcançar as metas da Convenção-Quatro das Nações Unidas para Mudança do Clima (CQNUMC).

Citada no Inventário como exemplo de empresa que conseguiu reduzir impactos gerados pela emissão dos gases de efeito estufa, a Votorantim conta com uma matriz energética diversificada ao utilizar diferentes combustíveis em seus processos produtivos. Segundo David Canassa, diretor de sustentabilidade da empresa, a flexibilidade energética é de 56% de uso de fontes renováveis, em substituição ao carbono e outros gases de efeito-estufa (GEE) nas operações.

**8-17/11/2014**

Informalidade prevalece nos pequenos empreendimentos

Por **Timóteo Camargo** | Para o Valor, de Boa Vista

Paulo Valle Pereira: faltam incentivos para os pequenos mineradores

As condições geológicas são favoráveis para o ouro na Amazônia. Nos anos 1980 a facilidade de extração do metal na superfície foi o grande atrativo para o garimpo, como no século XVIII em Minas Gerais e no Rio de Janeiro. Hoje há locais como a província

aurífera Gurupi, entre os Estados do Pará e do Maranhão, com milhares de ocorrências de ouro que ainda não foram pesquisadas com técnicas modernas.

Dados do Departamento Nacional de Produção Mineral (DNPM) revelam que somente na área de pesquisa do solo em busca de minerais metálicos existem hoje no Brasil cerca de 7 mil empreendedores individuais atuando em áreas pequenas, de até cem quilômetros quadrados. Outras 1300 empresas de pequeno e médio porte atuam em áreas entre 100 e 1000 quilômetros quadrados.

Pequenos e médios respondem por dois terços da área pesquisada para bens minerais metálicos. A etapa de lavra é difícil de mensurar porque a informalidade domina a pequena e média mineração nacional. Na Amazônia, além do ouro, procuram principalmente cassiterita e pedras semipreciosas de alto valor.

A extensão dos empreendimentos e o potencial contrasta com a atenção dada pelo Estado aos empreendedores, na opinião de Paulo Valle Pereira, presidente da Associação Brasileira de Pesquisa Mineral (ABPM): "Existe uma série de incentivos à agricultura e à pecuária; para a pequena mineração, não há. A falta de capital de um lado e a falta de tecnologia e gestão por outro mantém a pequena mineração como era no Brasil colônia", afirma.

Para Pereira, o país não conseguiu superar traumas históricos da atividade: "Nos Estados Unidos, Canadá e Austrália a mineração foi incentivada, foi um motor do desenvolvimento. No Brasil, quando se descobriu diamante, por exemplo, os indivíduos foram impedidos de explorar e todo mundo foi jogado na ilegalidade, no garimpo."

Tecnicamente, garimpar é minerar por meio de instrumentos rudimentares, o que praticamente não existe mais. Hoje máquinas permitem que o trabalho artesanal de 30 dias seja feito em três horas, mesmo por pequenos mineradores. Porém, o avanço tecnológico não foi suficiente para reverter a informalidade.

A Associação dos Mineradores de Ouro do Tapajós (Amot) reúne cerca de 2 mil garimpeiros associados. A organização foi criada em 1993 para defender os direitos dos pequenos mineradores, sobretudo nos entraves com o licenciamento ambiental.

"A partir de 1981 a legislação ambiental avançou como cavalo de corrida e a legislação mineral a passos de tartaruga", afirma o geólogo Jubal Cabral Filho, porta-voz da Amot. "As três esferas do governo não têm condições de outorgar licenças e fiscalizar", comenta o geólogo.

De acordo com Jubal, a cidade de Itaituba, onde fica a sede da associação, por exemplo, conta com apenas um servidor do Instituto Brasileiro do Meio Ambiente (Ibama). "Se o governo federal não tem gente, só com o satélite não tem como outorgar e fiscalizar. A licença estadual está centralizada em Belém (a 1350 quilômetros por terra de Itaituba) e os municípios não têm como arcar com os custos," afirma Jubal.

O geólogo da Associação dos Mineradores de Ouro do Tapajós reclama da falta de "respeito federativo" pela atividade e de um descompasso da política nacional para os garimpos, que já foram tratados como fonte de lastro para a moeda nacional.

"Os garimpeiros veem (a formalização da sua atividade) como se o governo os quisesse prender, e preferem ficar de fora", diz.

A exigência de documento de procedência para a comercialização do ouro tem levado alguns mineradores individuais a buscar a regularização - na maioria vezes sem sucesso. "Se houvesse ações de governo que mostrassem as vantagens para os garimpeiros, eles correriam atrás".

Para Ambrózio Ichihara, diretor de geologia, mineração e transformação mineral da Secretaria de Estado de Indústria, Comércio e Mineração do Pará (Seicompa), a dinamização do licenciamento ambiental é o primeiro passo para certificação da origem do ouro do Pará: "Hoje quase tudo é ilícito".

Nos últimos dois anos, a secretaria construiu o primeiro 'Plano Estadual de Mineração' do Brasil, envolvendo 200 instituições do setor e cerca de 1300 pessoas.

O documento indica a articulação com os municípios como estratégia para levar a cabo as ações em um Estado que tem duas vezes o tamanho da França. Um projeto em andamento é a reunião em um grupo de trabalho da Seicompa com a Secretaria Estadual de Meio Ambiente (Sema), secretarias municipais de meio ambiente, Departamento Nacional de Produção Mineral, Associação dos Mineradores de Ouro do Tapajós, Instituto Brasileiro de Mineração e sindicatos e outros agentes interessados no processo.

O Governo do Pará quer fortalecer a atuação dos municípios no licenciamento e fiscalização. A mineração é uma atividade mais interior que a florestal e a agropecuária. Só na região do Tapajós existem cerca de 600 pistas de pouso, que atendem em média a três garimpos cada.

"O município pode não ter perna hoje para cobrir essa tarefa, mas está mais próximo das demandas e pressões, e sofre com os impactos econômicos", afirma Ambrózio. A secretaria estima que a regularização da atividade geraria um aumento de mais de R\$ 20 milhões na arrecadação do Pará só com o Imposto sobre Operações Financeiras do ouro do Tapajós.

**9-17/11/2014**

### **Imagem negativa restringe acesso a financiamentos**

Por **Timóteo Camargo | De Boa Vista**

Para o geólogo Paulo Valle Pereira, pequenos e médios empreendimentos sofrem com um ciclo negativo que não conseguem romper sem ajuda externa. A imagem negativa das empresas restringe o acesso a financiamentos, o que limita a pesquisa geológica e o

acesso restrito à tecnologia, o que resulta na imposição de condições precárias de trabalho, provocando danos ambientais, o que acaba por reforçar essa imagem negativa.

Uma forma interferir neste ciclo é buscar fora do Brasil capital de risco para financiar as pesquisas. As 'junior companies' funcionam de maneira análoga às startups tecnológicas. Uma júnior se capitaliza por meio da venda de ações no mercado e pesquisa jazidas para vendê-las a médias e grandes mineradoras.

"A mineração precisa ver que o produto está lá", explica Paulo Pereira, que criou a Brazil Resources Inc.. A companhia é financiada por recursos captados na Bolsa de Valores de Toronto, no Canadá, onde possui ações pulverizadas entre cerca de dois mil investidores, além de um grande parceiro, o banco de investimentos Brasilinvest. Em quatro anos, a companhia investiu cerca de US\$ 20 milhões em quatro projetos no Brasil, onde as pesquisas identificaram cerca 110 mil quilos de ouro no solo.

Em média, de cada 100 projetos para pesquisa mineral apenas uma se torna mina. A venda dessa mina financia a pesquisa em outras áreas. Uma boa venda de uma dessas minas pode levar os investidores a lucrarem. Antes, porém, ficam sujeitos aos resultados das pesquisas - o ouro debaixo da terra já é um ativo precioso - e às intempéries do mercado. Entre janeiro e março deste ano, por exemplo, as ações da Brazil Resources tiveram uma valorização de 180% com a aquisição áreas com grande potencial aurífero. Em outubro tiveram queda de 11,43% em uma tarde. "É uma startup com risco mais elevado", avalia Paulo.

O ouro amazônico reluz para o capital de risco e para os pequenos e médios mineradores. As dificuldades que os pequenos mineradores enfrentam também derrubam ações na bolsa.

**10-17/11/2014**

### **Exploração exige técnicas cada vez mais inovadoras**

Por Carmen Nery | Para o Valor, do Rio

Cada vez mais, as mineradoras recorrem a soluções tecnológicas inovadoras para extrair metais. Assim como na indústria de petróleo, está perto do fim o tempo de exploração fácil do minério. Hoje, os metais são extraídos a profundidades cada vez maiores.

Ter minas subterrâneas não é algo trivial. Exige construir túneis de ventilação tanto para a respiração dos funcionários quanto para os motores de combustão de equipamentos. E, assim como na exploração do petróleo, fazer um furo é uma operação custosa, que pode passar de US\$ 1 bilhão. A mineração do futuro envolve menos gente e mais meios para gerenciar as máquinas elétricas à distância, já que é preciso controlar o que está a centenas de metros abaixo do centro de controle ou em lugares remotos, como a Amazônia.

"A mineração brasileira é compatível com o estado da arte da tecnologia em todo o mundo, mas a exploração em camadas profundas é incipiente no país, pois a tradição do

Brasil, desde os tempos coloniais, sempre foi a exploração a céu aberto porque havia minério farto. Agora minérios como potássio e ouro estão tendo de ser extraídos em camadas mais profundas por empresas como a Vale e a AngloGold Ashanti ", diz Marcelo Ribeiro Tunes, diretor de assuntos minerários do Instituto Brasileiro de Mineração (Ibram).

Segundo Luiz Mello, diretor de tecnologia da Vale, o desafio é encontrar o minério que justifique a exploração econômica. Além de estudos geofísicos - que avaliam as interferências eletromagnéticas - e das análises sísmicas, estão sendo desenvolvidas novas técnicas como a que avalia raios cósmicos e partículas Muon. Trata-se de radiação presente no espaço que pode ter a trajetória alterada pelo campo gravitacional quando encontra um corpo, o que pode indicar a presença de minério.

"A Vale já considera aprovar um projeto de pesquisa nessa linha. São novas técnicas para buscar corpos minerais que estão cada vez mais difíceis de encontrar", diz Mello. Ele explica que a empresa faz exploração a céu aberto na maioria de suas minas. As exceções são as minas de potássio em Sergipe e a de manganês no Pantanal. Nem por isso, deixa de recorrer à alta tecnologia.

O Projeto Ferro Carajás S11D, cujas características o diferenciam de qualquer empreendimento já instalado pela companhia, reúne vários exemplos de inovação. Entre eles, os principais equipamentos de S11D serão movidos a energia elétrica. Só tratores de esteiras, motoniveladoras e outras máquinas auxiliares continuarão consumindo diesel. Outra inovação do projeto é a utilização de equipamentos fabricados e instalados em módulos, conceito já usado pela indústria de petróleo na construção de plataformas marítimas. As estruturas, que vão compor a usina, são totalmente moduladas, num sistema pioneiro que fará com o que o concreto seja usado somente nas fundações.

A AngloGold Ashanti opera minas de ouro a uma profundidade de 1,2 mil metros. Esse é o caso da Mina Cuiabá, situada no município de Sabará, na região do Quadrilátero Ferrífero, em Minas Gerais. A empresa também tem minas subterrâneas em Goiás, nas operações da Unidade de Negócio Serra Grande, na cidade de Crixás. São três minas subterrâneas e uma a céu aberto, além da planta de tratamento de minério.

"São minas modernas com acessos por meio de caminhões capazes de transportar até 40 toneladas. A mina Cuiabá conta com mais de 100 km de túneis escavados, quatro poços de ventilação e um de elevador para transporte de pessoas, materiais e minério", diz Camilo Farace, vice-presidente de operações em Minas Gerais.

Ele diz que a mineração hoje não consegue sobreviver sem tecnologia. Na mina Cuiabá e em outras, estão sendo utilizadas sondas canadenses que realizam perfurações de até 2 mil metros. Farace explica que a precisão tem de ser maior do que nos campos de petróleo porque o corpo mineral pode ter apenas 5 metros de largura.

**11-17/11/2014**

## **Fabricantes sentem o ritmo menor do setor**

Por **Juan Garrido** | Para o Valor, de São Paulo

A redução das encomendas por parte das mineradoras está levando as indústrias produtoras e fornecedoras de máquinas e equipamentos para esse setor a trabalhar com 40% de sua capacidade produtiva em 2014. "Para se adequar à ociosidade as fábricas estão sendo obrigadas a dispensar pessoal", lamenta Valter Furlan, presidente da Câmara Setorial de Cimento e Mineração da Associação Brasileira da Indústria de Máquinas e Equipamentos (Abimaq). Para ele, as perspectivas são de que 2015 mantenha o mesmo padrão deste ano.

Mas maioria dos produtores de máquinas e equipamentos para o setor de mineração considera que o nicho continua sendo muito interessante porque as negociações envolvem pacotes de equipamentos, peças e serviços. Razão pela qual eles não chegam a apostar em aprofundamento da crise no segmento e sim vislumbram um ciclo de ajuste, que antecipa a recuperação da área de mineração a partir de 2016.

A New Holland segue investindo para ampliar seu portfólio de produtos. Como exemplo, a planta da companhia em Contagem (MG) vem realizando testes com um novo trator de esteiras que atua na classe de 22 toneladas. Segundo Nicola D'Arpino, vice-presidente New Holland Construction para a América Latina, passada essa fase de provas, o trator será agregado ao portfólio de equipamentos da empresa para atender o setor de mineração. "Trata-se do único trator de esteiras com tecnologia de transmissão hidrostática na faixa acima de 200 HP feito no Brasil."

A Case apresentou em 2014 um crescimento de 10% em suas vendas para o setor em comparação com o ano anterior. "A Case aumentou seu portfólio de equipamentos para atender as mineradoras e isso também incrementou suas vendas", explica Roque Reis, vice-presidente da Case Construction para a América Latina. Ele conta que os últimos lançamentos foram uma carregadeira de rodas para 24 toneladas e uma escavadeira hidráulica para 80 toneladas. "E já no primeiro semestre de 2015 será lançado um trator de esteira de 22 toneladas."

Na visão de Reis, a queda de ritmo do crescimento da mineração afeta toda a cadeia de valor do setor. Para ele, esse encolhimento se vincula à desaceleração da economia chinesa depois de décadas de um crescimento exponencial - em que o gigante asiático importou commodities em grande quantidade de países de vários estágios de desenvolvimento.

Marcelo Motti, vice-presidente para o Brasil da finlandesa Metso, observa que o mercado brasileiro de mineração sentiu retração de investimentos em novas unidades e nas expansões de plantas existentes. Segundo ele, a maioria dos clientes da Metso do setor vem analisando novos investimentos com muito cuidado e certa preocupação com o ritmo de variação dos preços das commodities.



"Entretanto, a Metso conseguiu manter em 2014 níveis similares ao ano anterior em volume de pedidos, principalmente pela atuação intensa na área de serviços e pós-vendas junto aos clientes", diz Motti. Isso ratifica a estratégia de anos anteriores. "A Metso segue o planejamento estratégico anunciando investimentos principalmente na estrutura de serviços."

**12-17/11/2014**

### **Recuperação das cotações ainda é uma incógnita**

Por **Felipe Datt** | Para o Valor, de São Paulo

A desaceleração da economia chinesa, o ritmo mais lento de expansão da produção siderúrgica mundial, o alto nível de estoque da matéria-prima no principal mercado consumidor, a China, e o forte ritmo de produção das principais mineradoras globais contribuíram para que os preços do minério de ferro despencassem em 2014.

Na média de outubro, a cotação da commodity no mercado spot chinês atingiu o patamar de US\$ 81 a tonelada, o mais baixo desde 2009. Como base de comparação, em dezembro de 2013 o minério estava cotado a US\$ 134 a tonelada, o que aponta para uma desvalorização de 40% em um intervalo de dez meses.

Em 2014, de janeiro a outubro, o minério de ferro teve cotação média de US\$ 100,84, bem abaixo da média de US\$ 135,25 de igual período do ano passado. "Os preços do minério de ferro estão derretendo este ano", avalia o analista de mineração da Tendências Consultoria, Felipe Beraldi. A má notícia é que a recuperação dos preços internacionais do minério, pelo menos em uma cotação mais próxima à verificada no ano passado, ainda é incerta. No curto prazo, entre o final de 2014 e o início de 2015, é prevista uma leve valorização das cotações uma vez que minas menos eficientes, com custo operacional elevado, principalmente na China, devem deixar de operar ou reduzir a oferta - se os preços despencam, sobrevive quem tem o menor custo de produção.

Esse ganho, entretanto, deve ser diluído no médio prazo por conta de uma série de anúncios globais de projetos de expansão da capacidade de oferta nos próximos três anos. "Somente a Vale tem plano de expansão de capacidade de 321 milhões de toneladas, em 2014, para 453 milhões de toneladas, em 2018. É muito minério, considerando um ritmo de crescimento da economia mundial aquém do esperado", diz Wermeson França, economista da consultoria LCA.

Novos projetos das australianas Rio Tinto e da BHP Billiton também devem colocar uma capacidade adicional de 144 milhões de toneladas entre 2015 e 2016, o que representa aproximadamente 27% da produção local da commodity no ano passado. Um relatório do Morgan Stanley projeta um excedente global de minério de ferro de 79 milhões de toneladas em 2014, 158 milhões de toneladas em 2015 e 256 milhões de toneladas em 2018. "Assim, ainda que se espere alguma recuperação do preço do minério no curto prazo, no médio prazo a tendência é de queda nos preços justamente

porque há anúncios de entrada de capacidade adicional com custo de produção mais baixo", diz Beraldi.

Um cenário que impacta negativamente a balança comercial brasileira, que tem na commodity seu principal produto de exportação. De janeiro a outubro, segundo a Secretaria de Comércio Exterior (Secex), os embarques de minério de ferro registraram crescimento de 5,3%, em volumes, na comparação com igual período do ano passado. Mas em virtude do recuo dos preços, as receitas foram 15,3% menores no período. "Prevemos preços menores e volumes maiores de embarque e isso se reproduz em 2015. O jeito de compensar a perda na receita é exportar mais, mas esbarramos na questão logística. Os competidores australianos estão mais próximos da China", diz o vice-presidente da Associação de Comércio Exterior do Brasil (AEB), Fábio Faria.

Do lado das siderúrgicas, 2014 repete uma tendência já verificada no ano passado, o que também impacta os preços do aço e derivados: crescimento lento da demanda global por produtos siderúrgicos e excesso de oferta. Um levantamento da World Steel Association mostra que, em 2015, sete anos após o início da crise financeira global, o consumo aparente de aço nos grandes mercados ainda não terá voltado aos patamares pré-recessão. Os Estados Unidos consumirão 95,2% dos níveis verificados em 2007, o Japão, 79,9%, e a União Europeia, 74,5%. O paradoxo é que a recuperação lenta no consumo não impede um cenário de superoferta, com a previsão de um excedente global de aço de 600 milhões de toneladas em 2014, pressionando os preços dos produtos siderúrgicos.

**13-17/11/2014**

### **Minério de ferro: Gerdau e Usiminas pisam no freio e Vale desconversa**

Os baixos preços do minério de ferro começam a fazer vítimas no Brasil. A Gerdau, que planejava produzir 18 milhões de toneladas de minério de ferro em 2016, ampliando a capacidade para 20 milhões de toneladas em 2020, já revê os planos e, em breve, publicará a sua nova estratégia.

A empresa deverá ser bem mais conservadora, reduzindo sua produção, enquanto o mercado acenar com preços abaixo de US\$80/t. O mesmo ocorre com a Usiminas e a CSN, outras mineradoras a puxar o freio da produção. Se ao menos essas empresas publicassem o seu all-in sustaining cost para os seus produtos poderíamos, então, entender o tamanho do problema. Mas, ao contrário do que ocorre no resto do mundo, elas mantêm essa informação a portas fechadas.

Poucos dias atrás, quando solicitamos o all-in cost do megaprojeto da Vale, o S11D, recebemos a seguinte resposta do Relações com Investidor da Vale Marcelo Lobato: "Infelizmente não poderemos abrir essa informação sobre o all-in sustaining cost do S11D pelo motivo dela não ser pública". Não é a toa que a empresa perde investidores aos milhares.

Mesmo sendo uma empresa pública a Vale se recusa a fornecer um dado fundamental, para que nós, acionistas e investidores, possamos entender a economicidade do seu maior projeto o S11D, que irá produzir 90 milhões de toneladas de minério de ferro por ano...

Como vencer essa crise de confiança, criada pela própria Vale, se a empresa não nos fornece subsídios para nos motivar a investir? É hora da Vale e outras empresas públicas, respeitar o seu maior patrimônio: o acionista. Nós queremos saber em quem estamos investindo e quais as nossas chances reais de retorno.

Fonte: [www.geologo.com.br](http://www.geologo.com.br)

**14-17/11/2014**

### **Anglo American reafirma compromisso com o Brasil**

A Anglo American é patrocinadora ouro da edição 2014 da **Exposição Internacional de Mineração da Amazônia (Exposibram Amazônia 2014)**, que acontece de 17 a 20 de novembro de 2014 em Belém, no Pará. Em seu estande, localizado na rua C do Hangar Centro de Convenções e Feiras da Amazônia, os visitantes poderão conhecer melhor os negócios operados pela empresa no Brasil, além dos projetos e iniciativas de gestão social, segurança e recursos humanos, entre outros temas que confirmam o compromisso da companhia com o país.

A Anglo American atua no Brasil desde 1973 e hoje está presente atuando com quatro produtos: minério de ferro, com o Sistema Minas-Rio, que acaba de ser implantado nos estados de Minas Gerais e Rio de Janeiro; níquel, com operações nos municípios de Barro Alto e Niquelândia, em Goiás; fosfato, com as operações em Ouvidor (GO), Catalão (GO) e Cubatão (SP), e nióbio, presente em Catalão e Ouvidor.

### **MINÉRIO DE FERRO BRASIL**

A Unidade de Negócio Minério de Ferro Brasil da Anglo American é responsável pela operação do Sistema Minas-Rio, um dos maiores empreendimentos globais da empresa, que teve seu primeiro embarque de minério de ferro realizado no último dia 25 de outubro. O navio Key Light, com mais de 80 mil toneladas de carga, foi carregado no terminal dedicado de exportação de minério de ferro no Porto do Açu, Rio de Janeiro, e a embarcação está atualmente a caminho da China.

“Estamos muito contentes com a realização do primeiro embarque do Sistema Minas-Rio e essa é uma prova do grande esforço e dedicação de todo o time, incluindo nossas empresas contratadas, fornecedores, parceiros e o apoio das autoridades reguladoras e do governo no Brasil ao longo dos anos. Nosso foco daqui em diante é alcançarmos nossa capacidade de produção anual de 26,5 milhões de toneladas de minério de ferro nos próximos 18-20 meses, e na manutenção de licenças e de autorizações necessárias à medida que avançamos na nossa operação”, ressalta Paulo Castellari, presidente da Unidade de Negócio Minério de Ferro Brasil da Anglo American.

O Sistema Minas-Rio engloba uma mina de minério de ferro e planta de beneficiamento em Conceição do Mato Dentro e Alvorada de Minas, respectivamente, no estado de Minas Gerais; um mineroduto de 529 km de extensão e que atravessa 32 municípios mineiros e fluminenses; e o terminal de minério de ferro do Porto de Açu, no qual a Anglo American é parceira da empresa Prumo Logística com 50% de participação, localizado em São João da Barra, no Rio de Janeiro.

Um dos maiores destaques do empreendimento é o depósito mineral em Minas Gerais, tanto em escala quanto em qualidade, com 5,3 bilhões de toneladas de minério de ferro, e uma reserva de 1,45 bilhão de toneladas certificadas. Esses montantes permitem à empresa oferecer ao mercado de pellet feed um produto premium, com teor de 68% após beneficiado, e conferem mais longevidade e competitividade ao Sistema Minas-Rio.

A capacidade de produção do empreendimento será de 26,5 milhões de toneladas anuais de minério de ferro com a conclusão do período de ramp-up. Até o final de 2014, já terão sido produzidas 560 mil toneladas de minério, com a realização de mais dois embarques em dezembro, e em 2015, a previsão de produção é de 11 a 14 milhões de toneladas. Os principais clientes do Sistema Minas-Rio são empresas pelletizadoras do Oriente Médio e da Ásia.

## **NEGÓCIOS NÍQUEL, NIÓBIO E FOSFATOS**

O negócio Níquel mantém uma operação em Niquelândia (GO), com mais de três décadas de operação. A segunda planta, com investimento de US\$ 1,9 bilhão, foi inaugurada em 2011, em Barro Alto (GO), onde também está localizada a mina. O projeto Jacaré, no município de São Felix do Xingú (PA), segue em fase de obtenção das licenças ambientais. O níquel é utilizado principalmente na produção de aço inoxidável, que consome mais de 65% do volume disponível no mercado, além de ter aplicação nas indústrias aeronáutica, de produtos médicos e odontológicos, alimentícia, química e de higiene.

As cidades de Ouvidor e Catalão, ambas em Goiás, concentram as atividades do negócio Nióbio. Atualmente, encontra-se em andamento o projeto BVFR – Boa Vista Rocha Fresca, que prevê a expansão da vida útil da Mina Boa Vista, em Catalão. A construção do projeto foi concluída e o comissionamento está bem avançado. A companhia estima que a primeira produção aconteça no último trimestre deste ano. O nióbio, que tem 91% das reservas naturais concentradas no Brasil, é usado na fabricação de aços especiais. Ele confere alta resistência ao aço, permitindo a produção de placas mais leves com durabilidade maior.

O negócio Fosfatos tem mina e unidade de processamento de produtos fosfatados em Catalão e Ouvidor (GO), no coração da região agrícola brasileira, além de uma unidade de produção próxima ao Porto de Santos, em Cubatão (SP). A empresa fornece fertilizantes fosfatados e insumos para alimentação animal, abastecendo a crescente agroindústria em todo o País, além de fabricar produtos para fins industriais, como ácido fosfórico, sulfúrico e fluossilícico. A mina de fosfato da Anglo American é a segunda maior produtora de rocha fosfática do País, com capacidade anual de produção de 1,35 milhão de toneladas de concentrado de fosfato (base úmida).

Fonte: Assessoria

**15-17/11/2014**

### **Philae transmite dados de perfuração de cometa**

AFP –

O robô Philae transmitiu durante a noite os dados da perfuração do cometa antes de entrar em modo inativo por falta de bateria, anunciou neste sábado o cientista Jean-Pierre Bibring.

"Recebemos tudo. Tudo aconteceu exatamente como estava previsto. Conseguimos, inclusive, fazer a rotação para otimizar a recepção da luz nos painéis solares", declarou Bibring em uma entrevista por telefone no centro de controle de Philae em Colonia, Alemanha.

"O Philae está em modo inativo. Todos os dados da primeira sequência científica foram baixados com êxito", anunciou a Agência Espacial Europeia (ESA) no Twitter.

"Concluimos esta primeira fase absolutamente fabulosa (...) Temos muita vontade de continuar explorando", declarou Bibring.

"Percebemos que é muito diferente do que imaginávamos, é fantástico", declarou, sem revelar detalhes.

Bibring está convencido de que a equipe é capaz de manter o Philae em operação até que os painéis solares possam ser recarregados de maneira suficiente.

O fim da primeira sequência científica corresponde ao final previsto da duração da bateria do Philae.

Agora devem ser utilizadas as baterias solares, mas como o Philae pousou em uma zona escura deve ser mantido em modo repouso.

"É muito importante que consiga sobreviver até que cheguem momentos melhores", completou Bibring.

**16-17/11/2014**

### **Superintendência do Cade recomenda aprovação condicionada da fusão entre Holcim e Lafarge**

A Superintendência-Geral do Conselho Administrativo de Defesa Econômica (Cade) recomendou ao tribunal da autarquia a aprovação da fusão entre as fabricantes de cimento Holcim e Lafarge condicionada à celebração do acordo em controle de concentrações proposto pelas companhias.

A recomendação foi publicada em despacho no Diário Oficial da União desta segunda-feira. A união entre as empresas deve criar o maior grupo de cimento do mundo, com mais de 40 bilhões de dólares em vendas anuais. Anunciada em abril, a fusão foi, desde o início, projetada para ser acompanhada pela venda de bilhões de dólares em ativos, a fim de que a aprovação regulamentar fosse garantida em todo o mundo.

Fonte: Reuters

**17-17/11/2014**

## **BEADELL DIVULGA NOVOS RESULTADOS DE SONDAEM EM TUCANO**

A Beadell Resources divulgou no dia 14 novos resultados do programa de sondagem na mina de ferro e ouro Tucano, em Pedra Branco do Amapari (AP). Em um dos novos filões descobertos, nomeado de Urucum Underground, foi identificada uma interseção de 11,9 metros, com teor de 7,3 g/t Au, incluindo 4,6 metros com teor de 19,1 g/t Au.

Segundo a Beadell, a sondagem no alvo Gap, entre os depósitos de Urucum e Tap C, identificaram interseções de até 24 metros, com teor de 5,7 g/t Au. O alvo Tap C3 Norte apontou uma outra interseção de 24 metros, com teor de 1,9 g/t Au ouro e o Tap D1 retornou 19 metros com teor de 3,8 g/t Au.

A Beadell afirmou que o filão Urucum foi descoberto dentro da mina a céu aberto e a sondagem será mantida até que sua magnitude seja delineada. A previsão é que uma estimativa de recursos e reservas de Urucum Underground seja concluída no segundo trimestre de 2015, em conjunto com o estudo de viabilidade.

De acordo com o diretor de Geologia da mineradora, Rob Watkins, as novas descobertas ao longo de Tucano destacam o potencial do sistema. "Pela primeira vez em vários anos, a Beadell está agora bem posicionada para se concentrar no aumento dos recursos e reservas", afirmou Watkins.

Segundo ele, a intensificação das atividades de sondagem nos últimos meses, com quatro sondas de duplo deslocamento, levou ao sucesso imediato e sem dúvida continuará progredindo bem no futuro. "A proximidade desses filões à infraestrutura existente está permitindo o rápido desenvolvimento destas fontes de minério como incrementos adicionais ao nosso perfil de produção", disse.

A expectativa da Beadell é que a produção na mina Tucano em 2014 fique entre 180 mil e 200 mil onças de ouro, com os custos totais estimados em US\$ 805 a US\$ 855 onças.

No terceiro trimestre deste ano, a Beadell vendeu 41.468 onças de ouro, mas, no relatório de resultados divulgado em outubro, a mineradora disse que estava no "caminho certo" para alcançar as 75 mil onças previstas para o quarto trimestre.

A Beadell produziu 33.793 onças de ouro de julho a setembro deste ano, um aumento de 19,8% em relação ao trimestre anterior. A quantidade de minério e estéril movimentado pela mineradora durante o período foi de, aproximadamente, 3 milhões de toneladas, um aumento de quase 50% na comparação com o segundo trimestre. De acordo com a companhia, a alta no volume movimentado ocorreu devido ao fim da temporada de chuvas e a melhorias significativas na produtividade.

Fonte: Notícias de Mineração Brasil

**18-17/11/2014**

## **MINA BURITI É HOMENAGEADA PELOS 35 ANOS**

A mina Buriti da Unidade Niquelândia, da Votorantim Metais em Goiás, foi um dos destaques da solenidade de premiação, promovida pela revista Minérios & Minerales, no dia 13, em Belo Horizonte. Durante o evento, foram divulgadas as 200 maiores minas do País, responsáveis por boa parte da produção mineral brasileira. Segundo o gerente-geral da Unidade Niquelândia da Votorantim, José Maximino Ferron, a comemoração dos 35 anos de uma mina como a Buriti, que produz minério de níquel, também pode ser compreendida como um tributo à superação de adversidades como a crise de 2008, que baixou significativamente o preço desse metal básico em todo o mundo inviabilizando muitas operações. Segundo informou o gerente-geral da Unidade Niquelândia, a mina Buriti recebeu, em 2013, um investimento da ordem de R\$ 60 milhões aplicados, inclusive, em novo Sistema de Deposição de Rejeitos e reforma de fornos.

Fonte: Notícias de Mineração Brasil

**19-18/11/2014**

## **ATIVIDADE FRACA E TENSÃO EXTERNA ABATEM LUCRO DE EMPRESAS ABERTAS**

No terceiro trimestre deste ano, as empresas de capital aberto acusaram o golpe desferido por renovados sinais de fraqueza da economia brasileira e pela ausência de perspectivas para 2015, ano subordinado ao resultado da eleição presidencial que teria desfecho apenas no final de outubro. E mesmo agora, meados de novembro e com a confirmada reeleição de Dilma Rousseff, a expectativa com o primeiro ano do segundo mandato da presidente é intensa porque pouco (ou nada) se sabe a respeito de planos traçados para a reestreia.

O terceiro trimestre também foi marcado por revisões de estimativas de expansão para o Produto Interno Bruto (PIB) deste ano e do próximo; por anúncio feito pelo Federal Reserve para projeções de taxas de juro em 2015 e 2016 e que, mesmo mantendo parâmetros historicamente baixos, pressionaram o dólar frente a outras moedas; e pela divulgação de dados mais fracos de atividade na China – fator adicional a contribuir para a escalada do dólar. O dólar disparou no mercado internacional e também no Brasil. As commodities apanharam.

A lucratividade consolidada de 355 empresas de capital aberto no terceiro trimestre deste ano comparada a igual período de 2013 caiu 40,4%, sendo que apenas uma, a Vale, contribuiu substancialmente para esta baixa. Descontando o prejuízo da mineradora no terceiro trimestre, o prejuízo consolidado das empresas recuou 13,07%.

Levantamento da Economática mostra que o lucro acumulado pelas 355 companhias no terceiro trimestre de 2014 foi de R\$ 22,4 bilhões contra R\$ 37,6 bilhões em igual

período no ano de 2013, queda de R\$ 15,21 bilhões. A Vale teve prejuízo de R\$ 3,38 bilhões no terceiro trimestre deste ano, contra lucro de R\$ 7,94 bilhões em período idêntico de 2013. Excluindo a mineradora, o lucro de 354 empresas totalizou R\$ 25,8 bilhões no terceiro trimestre deste ano contra R\$ 29,7 bilhões no terceiro trimestre do ano passado – queda de 13,07%.

Em função do desempenho da Vale, o setor de Mineração foi o que apresentou pior desempenho no trimestre, seguido pelo setor de Energia Elétrica representado por 40 empresas que, de julho a setembro deste ano, acumularam prejuízo de R\$ 326 milhões contra lucro de R\$ 3,44 bilhões no terceiro trimestre de 2013. Entre as 10 maiores perdas em lucratividade têm empresas do setor de Construção e Papel e Celulose, mostra a pesquisa elaborada por Einar Rivero, gerente de Relações Institucionais da Economática.

Na ponta oposta, o setor Bancos – representado por 25 instituições – é o que apresenta melhor resultado no terceiro trimestre deste ano, com lucro consolidado de R\$ 14,7 bilhões contra R\$ 12,5 bilhões em 2013, com crescimento de 17,68%. Alimentos e Bebidas, com 16 empresas, teve lucratividade ampliada em 49,78%, para R\$ 4,37 bilhões no terceiro trimestre deste ano.

Em tempo: Ao lado de cinco Bancos, e empresas de Alimentos e Bebidas, isto é, dos setores mais lucrativos entre o terceiro trimestre de 2013 e o terceiro de 2014, a Economática identificou uma Seguradora e uma operadora de Cartões de Crédito e mais uma de Telecomunicações.

Fonte: Valor

## **20-18/11/2014**

China e Austrália fazem acordo de comércio  
Por **Reuters, de Canberra**

China e Austrália firmaram ontem um acordo de livre-comércio histórico, após mais de uma década de negociações, ampliando significativamente os laços entre a segunda maior economia do mundo e um dos aliados mais próximos dos Estados Unidos na Ásia/Pacífico.

O acordo, que a Austrália classificou de o melhor já firmado entre Pequim e um país ocidental, abrirá os mercados chineses aos exportadores agrícolas australianos e ao setor de serviços, ao mesmo tempo em que aliviará as restrições aos investimentos chineses na Austrália, um país rico em recursos naturais.

O primeiro-ministro australiano, Tony Abbott, e o presidente chinês, Xi Jinping, assinaram um memorando de entendimento, durante uma cerimônia no Parlamento em Canberra. "Foi uma jornada de dez anos, mas finalmente conseguimos", disse Abbott.



Xi elogiou o acordo ao falar ao Parlamento, prometendo aprofundar a cooperação com a Austrália e reafirmando ao mesmo tempo a disposição da China de resolver disputas territoriais com seus vizinhos por meios diplomáticos.

"Enquanto tivermos em mente nossos interesses maiores e de longo prazo, ampliar os fatores positivos e remover obstáculos, certamente iremos estabelecer uma parceria estratégica e mais ampla entre nós", disse ele.

A China já é um dos maiores parceiros comerciais da Austrália, com um comércio bilateral de cerca de 150 bilhões de dólares australianos (US\$ 130 bilhões) em 2013. Ontem, os dois países testemunharam 14 acordos comerciais entre empresas que poderão movimentar mais de 20 bilhões de dólares australianos. Os líderes dos dois países também prometeram trabalhar juntos para combater as mudanças climáticas, compartilhando tecnologias para tornar mais eficiente o uso do carvão.

A Austrália precisa da ajuda da China para diminuir a sua dependência das exportações de minerais, como o carvão e o minério de ferro, e ampliar as suas exportações agrícolas e de alimentos para uma classe média asiática em crescimento, passando de um "boom da mineração" para um "boom da alimentação".

"[O acordo] deverá ajudar no grande ato de reequilíbrio da Austrália, de um crescimento liderado pelos investimentos em mineração, para o crescimento liderado por setores não mineradores da economia", disse Paul Bloxham, economista do HSBC, em uma nota a investidores.

A Austrália disse que uma vez totalmente implementado o acordo, 95% de todas as suas exportações entrarão na China livres de impostos.

O acordo tem potencial para afetar as exportações brasileiras de carnes para a China, por contemplar produtos pecuários.

Entre janeiro e setembro deste ano, o Brasil exportou US\$ 5,4 bilhões em carnes para o mundo todo, segundo dados da Abiec (Associação Brasileira das Indústrias Exportadoras de Carne). Desse total, cerca de US\$ 1,451 bilhão teve a China como destino. As vendas para o gigante asiático contabilizam US\$ 221 milhões. Mas as exportações para Hong Kong, usada como trampolim para o mercado chinês, por conta de tratados comerciais, chegaram a US\$ 1,232 bilhões.

A brasileira JBS, que tem uma unidade na Austrália, pode se beneficiar do acordo com a China.

**21-18/11/2014**

### **Exposibram mostra o melhor da mineração**

Reconhecida nacionalmente como o maior e mais importante evento da Região Norte voltado para a cadeia produtiva da mineração, a Exposição Internacional de Mineração (Exposibram) será aberta hoje à tarde em Belém e se estenderá até a próxima quinta-feira no Hangar Centro de Convenções da Amazônia.

O evento é promovido pelo Instituto Brasileiro de Mineração (Ibram) e pretende, nesta edição de 2014, apresentar a evolução tecnológica da indústria, em especial as ações que buscam a preservação do meio ambiente, a saúde e a segurança dos trabalhadores.

Paralelamente à Exposibram, será realizado também o 4º Congresso de Mineração da Amazônia, que este ano tem como tema Mineração consolidando o desenvolvimento nos territórios minerais.

Para o presidente do Ibram, José Fernando Coura, a realização do evento no Pará tem um simbolismo muito forte. Para o Ibram, é de grande importância realizar a Exposibram num Estado em que a mineração é o grande vetor de crescimento do comércio exterior, disse ele.

Acrescentou que, por conta da expansão e instalação de novos projetos minerais no Pará, vai se criar uma demanda de aproximadamente cem mil novos postos de trabalho nos próximos anos.

A Feira contará com um espaço de cerca de quatro mil metros quadrados e a expectativa de público é de doze mil visitantes. O objetivo dos eventos é envolver cada vez mais a população paraense em uma das principais atividades econômicas da região. Dos US\$ 15,8 bilhões em exportações totais do Pará em 2013, as indústrias de mineração e transformação mineral responderam por 88%, além de se constituírem como um dos maiores geradores de emprego. Apenas no ano passado, foram gerados 271 mil empregos diretos e indiretos.

A Feira é tida também como uma excelente oportunidade para os fornecedores de produtos e serviços fortalecerem o relacionamento com o mercado da Região Norte, fazerem novos contatos e apresentarem as novidades do setor.

Queremos receber participantes de todos os Estados do Norte e das demais regiões do país para que conheçam mais profundamente as excelentes perspectivas de negócios que a mineração proporciona, completou José Fernando Coura.

O diretor de assuntos ambientais do Ibram, Rinaldo Mancin, destaca que a Exposibram Amazônia 2014 é uma ótima oportunidade para prospecção de negócios para fornecedores de equipamentos, desenvolvedores de tecnologias inovadoras e prestadores de serviços diversos para a indústria da mineração.

Além disso, o Congresso abre espaço para a troca de ideias e experiências entre pesquisadores, acadêmicos, estudantes e as próprias mineradoras, explica.

Fonte: Diário do Pará

**22-18/11/2014**

**Mina na Indonésia suspende produção após acidente**

A unidade indonésia de Freeport-McMoRan Copper & Gold suspendeu as atividades na mina Grasberg neste sábado, após a morte de quatro trabalhadores em uma colisão entre um carro e um caminhão de mineração. O incidente também deixou cinco pessoas feridas.

"A segurança do trabalho é a prioridade da PT Freeport Indonesia e, por isso, as atividades na mina de Grasberg estão suspensas para a investigação", disse a porta-voz da empresa, Daisy Primayanti.

Primayanti não pôde dizer quando a empresa vai retomar as operações na mina, localizada na província de Papua, na ilha de Nova Guiné.

A operação de mineração no local tem algumas das maiores jazidas de cobre e ouro do mundo. A mina produziu 885 milhões de libra-peso de cobre e 1,1 milhão de onça-troy de ouro no ano passado. Fonte: Dow Jones Newswires.

**23-18/11/2014**

O primeiro mapa geológico de um cometa

*Por Marcelo Villela, novembro 18th, 2014, 0:08 - [LINK PERMANENTE](#)*

*« voltar para casa*

Como sabemos a Geologia, já há algum tempo, não se restringe exclusivamente à Terra como o nome implica. A Geologia estuda, também, o universo e seus corpos espaciais como cometas, asteroides, planetas, luas, sois etc.. É com essa ótica que a missão espacial Rosetta está reescrevendo a história da geologia espacial ao pousar, analisar, mapear e sondar o núcleo a atmosfera e a cauda de um grande cometa, o 67P Churyumov-Gerasimenko.

A nave Rosetta está equipada com a câmera Osiris, capaz de fotografar com precisão de até 15cm por pixel a superfície do cometa e com um espectrógrafo de ultra violeta de grande sensibilidade, a Alice, que irá analisar o cometa como um todo. Desta forma foi feito o primeiro mapa geológico do 67P (imagem), onde foram mapeadas várias “regiões” com características geomorfológicas distintas. O mapa é fruto do trabalho de alta resolução da Osiris e é o primeiro passo na direção de um mapa geológico e suas camadas de geologia, geomorfologia, geoquímica que integrarão o primeiro GIS de um cometa.

A superfície do cometa é compartimentada em áreas dominadas por crateras, depressões, boulders, mesas, e por outras, mais planas, cobertas por gelo e poeira. As rochas do cometa estão bastante fraturadas, estruturadas e, em alguns casos brechadas. Na região onde a Philae pousou é possível ver com clareza brechas e aglomerados fraturados.

Espera-se que a superfície irá mudar à medida que o cometa se aproxime do Sol, quando os ventos solares irão gerar uma forte sublimação, jatos e a coma, a cauda do cometa de grandes proporções que será analisada pelo espectrógrafo Alice. A Alice (foto abaixo) é uma contribuição da NASA ao projeto Rosetta. O espectrógrafo de ultra violeta de alta definição pesa menos do que quatro quilos e fica embarcado na nave Rosetta.

A Alice vai analisar as feições espectrais do núcleo, da atmosfera e da cauda do cometa em uma faixa entre 70 a 205nm. Um dos trabalhos do espectrômetro é o de analisar a abundância de gases nobres na cauda, na região onde o vento solar interage com a ionosfera do cometa. O núcleo do cometa será, também, analisado em detalhe pela Alice o que resultará em mapas composicionais da superfície e dos jatos.

Os dados serão estudados e fornecerão informações sobre a temperatura de formação do cometa e sobre a sua origem. Uma atenção especial será dedicada ao conteúdo de água, CO<sub>2</sub>, CO, C, H, N e S. Enfim o trabalho da Alice está mal começando, mas os seus resultados escreverão uma nova página da Geologia, Astronomia e da origem do Universo.

Fonte: [www.geologo.com.br](http://www.geologo.com.br)

**24-18/11/2014**

### **MINERADORA CANADENSE VAI ADQUIRIR PROJETO DE NÍQUEL E COBRE NO PARAGUAI**

A mineradora canadense DOT Resources informou que assinou um memorando de entendimento (MoU) com a Minera Itape para a aquisição de 100% do projeto San Alfredo, localizado no nordeste do Paraguai. A propriedade, de 37.500 hectares, possui boas perspectivas para a mineralização de níquel, cobre e elementos do grupo da platina (PGM). As informações são de comunicado enviado ao mercado nesta segunda-feira (17).

O MoU, que será substituído no futuro por um acordo de compra e venda, abrange a aquisição de 100% das ações da Minera Itape, que detém as concessões do projeto San Alfredo. Sob os termos do acordo, a DOT concordou em emitir 1 milhão de ações para a Itape. A DOT também terá que investir pelo menos US\$ 100 mil com despesas qualificadoras nos primeiros 12 meses após o fechamento da transação. O acordo entre as empresas está sujeito à aprovação da Toronto Stock Exchange (TSX), a bolsa de valores do Canadá.

A DOT vai emitir outras 4 milhões de ações para a Itape, depois que tiver concluído várias etapas importantes de desenvolvimento e exploração. Caso a DOT não cumpra essas etapas, todas as 4 milhões de ações, ou parte delas, não serão emitidas e a companhia canadense perderá o direito sobre a propriedade.

De acordo com os termos do MoU, a Itape vai ter direito a 2,5% de royalties na produção e vendas de todos os produtos, conhecido como net smelter return, provenientes do projeto San Alfredo.

A DOT é uma empresa canadense que desenvolve e explora propriedades de cobre em Kamloops, British Columbia, no Canadá, próximo ao distrito de classe mundial Highland Valley. A companhia surgiu a partir de uma proposta de acordo da também canadense Alhambra Resources. As ações da DOT são negociadas na TSX.

As propriedades da DOT no Canadá têm recursos indicados estimados de 5,33 milhões de toneladas com teor de 0,45% de cobre, 3,28 gramas de prata por tonelada, 0,05 grama de ouro por tonelada e 0,006% de molibdênio. Os recursos inferidos estimados são de 4,28 milhões de toneladas de minério com 0,46% de cobre, 1,99 grama de prata por tonelada, 0,02 grama de ouro por tonelada e 0,004% de molibdênio.

Fonte: Notícias de Mineração Brasil

**25-18/11/2014**

# PARÁ TEM POTENCIAL PARA SE TORNAR DESTINO PRIORITÁRIO DOS INVESTIMENTOS EM MINERAÇÃO

## CENÁRIO

# Pará tem potencial para se tornar destino prioritário dos investimentos em mineração

PARA JOSÉ FERNANDO COURA, DO IBRAM, ESTADO PODE SUPERAR PROVÍNCIAS TRADICIONAIS NA ATRAÇÃO DE NOVOS PROJETOS

O Pará figura entre as maiores províncias minerais do mundo. A importância do estado no atual cenário da mineração é um dos temas em debate durante o 4º Congresso de Mineração da Amazônia. Na entrevista a seguir, José Fernando Coura, diretor-presidente do IBRAM, destaca como o crescimento da atividade mineral pode se reverter em desenvolvimento social das regiões do Estado.

### Qual a importância do Pará no atual cenário da mineração no País?

O Pará é uma província mineral de proporções gigantescas. Temos aqui a maior reserva de minério de ferro do mundo, mas além do minério de ferro outros minerais estão sendo trabalhados, como cobre, níquel e ouro. Não tenho dúvidas de que daqui a alguns anos o Pará vai ultrapassar Minas Gerais como destino prioritário dos investimentos de mineração no País. O potencial tende a ser grande porque os estudos geológicos que temos disponíveis ainda são muito precários. Quanto mais avançarmos com os estudos geológicos aumentaremos a qualidade da informação. Com certeza, mais potenciais serão descobertos. Não tenho dúvida alguma que uma das pernas para o desenvolvimento sustentável do Pará passa necessariamente pela mineração.

### Como os novos projetos em mineração podem levar ao desenvolvimento das regiões do Estado?

Em mineração empresarial, empresas de grande porte pautam suas operações com sustentabilidade. É impossível hoje uma empresa deste nível não incorporar de forma efetiva a sustentabilidade. Os novos investimentos estão comprometidos com este valor. Temos um potencial de geração de empregos muito interessante: cada emprego

direto no setor mineral está gerando outros treze empregos na cadeia produtiva. E são empregos qualificados, já que trabalhar para empresas com tamanho nível de certificação nacional e internacional exige mão de obra qualificada. Há muitas outras oportunidades indiretas. Mineração gera tributos, impostos, oxigena e movimenta toda a economia regional e local com a injeção de capital.

### Em relação à EXPOSIBRAM, quais as perspectivas de negócios para o evento?

É a 4ª edição da nossa EXPOSIBRAM, com uma agenda de oito anos completamente consolidada. Realizamos nos anos ímpares, há mais de 30 anos, a EXPOSIBRAM em Belo Horizonte, uma agenda identificada com Minas Gerais. Entendendo o tamanho da potencialidade do Pará, optamos há oito anos por organizar a EXPOSIBRAM aqui. Em paralelo, organizamos o Congresso de Mineração da Amazônia. Este ano, grandes palestrantes nacionais estarão debatendo os desafios da mineração e diversos outros temas. É uma belíssima oportunidade. E as pessoas que se interessam pelo assunto não podem deixar de visitar a EXPOSIBRAM.



IBRAM/ARISTIDE

“Cada emprego direto no setor mineral está gerando outros treze empregos na cadeia produtiva”

José Fernando Coura,  
Diretor-Presidente  
do IBRAM,



Mina de caulim da Imerys, em Ipixuna do Pará

OWENS/SHUTTER

**26-18/11/2014**

## **IBRAM ADVERTE PARA A CRISE QUE AMEAÇA SETOR**

A queda acentuada de preços das commodities minerais, por um lado, e por outro a elevação dos custos internos influenciada sobretudo pela alta das tarifas de energia elétrica, estão levando a indústria de mineração no Brasil a uma situação de extrema gravidade.

A afirmação, em tom de alerta, foi feita ontem à noite pelo presidente do Instituto **Brasileiro de Mineração (IBRAM)**, José Fernando Coura, ao abrir em Belém a 4ª Exposição Internacional de Mineração da Amazônia, a Expositram.

“O momento é grave, é assustador”, afirmou o presidente do **IBRAM**, acrescentando que a crise afeta de forma mais aguda a área de minério de ferro e a indústria do alumínio.

José Fernando Coura observou que algumas empresas de mineração já estão encerrando suas atividades em Minas Gerais e deixou no ar um desafio. Para ele, o governo, em todas as suas instâncias de decisão, e também a representação política – senadores, deputados federais e também os estaduais – precisa olhar com mais atenção para o setor mineral. “É preciso decidir se queremos ou não a mineração neste país”, disse ele.

As dificuldades enfrentadas pelo setor foram objeto de análise também pelo deputado federal Leonardo Quintão (PMDB/MG), relator do projeto do novo Código de Mineração, que tramita desde o ano passado no Congresso Nacional.

Relator da matéria, o parlamentar mineiro disse que dois assuntos despontam hoje como desafios para a mineração no Brasil. Um, a queda dos preços das commodities minerais no mercado internacional. O outro, a necessidade de fazer uma melhor distribuição das riquezas geradas pela exploração dos minérios.

Leonardo Quintão anunciou que o projeto do novo marco regulatório do setor mineral voltará à pauta de discussões na Câmara dos Deputados, em Brasília, já a partir desta quarta-feira. A intenção, segundo ele, é encaminhar uma decisão final sobre o projeto no menor espaço de tempo possível.

Fonte: Diário do Pará

**27-19/11/2014**

## **Minério de ferro despensa 4% na China com recuo de preços de imóveis**

CINGAPURA (Reuters) - O minério de ferro no mercado à vista da China caiu para perto de 72 dólares por tonelada pela primeira vez em mais de cinco anos, depois que dados mostraram um novo declínio nos preços de imóveis residenciais no país, na mais

recente evidência de fraqueza de economia no maior consumidor mundial da matéria-prima do aço.

Os preços de residências na China caíram 2,6 por cento em outubro na comparação anual, apesar de uma série de medidas de estímulo do governo. Foi a maior queda anual desde que a Reuters começou a calcular os preços em todo o país em 2011.

O minério já acumula perdas de 46 por cento este ano, com grandes mineradoras de baixo custo, como Rio Tinto, BHP Billiton e Vale elevando sua produção, mesmo com uma desaceleração da demanda na China.

O minério com 62 por cento de teor de ferro com entrega imediata na China despencou 4 por cento nesta terça-feira, para 72,10 dólares por tonelada, menor patamar desde junho de 2009, segundo dados compilados pelo Steel Index.

Os estoques de minério importado nos portos da China subiram pela segunda semana consecutiva, segundo dados do SteelHome, elevando preocupação sobre um consumo mais fraco.

"Soma-se também a alta nos empréstimos de má qualidade na China, o que pode desacelerar ainda mais o crescimento de investimentos", disse o banco Australia and New Zealand Banking Group, em nota.

(Por Manolo Serapio Jr)

**28-19/11/2014**

### **Braziron assina contrato para aquisição da chinesa Global Dynamics**

A Braziron empresa de mineração listada na Bolsa de Sydney, cujo maior acionista é a brasileira Jacobi Holdings, com jazidas de minério de ferro na Bahia e no Pará, assinou um contrato vinculante para a aquisição da Global Dynamics. A Global Dynamics é uma empresa chinesa que opera minas e plantas metalúrgicas de sílica metálica na China.

Somente em 2014 a Global Dynamic vendeu 46.000 toneladas de sílica metálica que geraram mais de US\$54 milhões em vendas. A Global investiu mais de US\$ 300 milhões em CAPEX de plantas que a tornarão na maior produtora de sílica metálica do mundo. A empresa emprega 700 pessoas e vende seus produtos para o mercado internacional e local. Somente hoje as ações da Braziron subiram 50%.

Fonte: [www.geólogo.com.br](http://www.geólogo.com.br)

**29-19/11/2014**



### **Novo Código da Mineração pode ser votado amanhã**

O parecer de Leonardo Quintão sobre o Novo Marco Regulatório (Código Mineral) pode ir a votação nesta quarta dia 19, na comissão especial da Câmara dos Deputados. Ao MRM original foram acrescentados seis projetos de lei que tramitavam na Câmara desde 2011. Sem alarde o Código Mineral poderá ser aprovado conforme a versão do Relator.

### **Notícia de última hora**

A comissão especial da Câmara dos Deputados que analisa o novo Código de Mineração adiou para **quarta-feira (26)** a votação do parecer do relator das propostas, deputado Leonardo Quintão .

Fonte: [www.geólogo.com.br](http://www.geólogo.com.br)

**30-19/11/2014**

### **FORUM BRASIL MINERAL**

#### **Executivos discutem perspectivas para o setor**

No dia 27 de novembro, em São Paulo, no Forum Brasil Mineral, executivos de empresas mineradoras discutem as perspectivas para o setor mineral, que atravessa momento delicado em função da queda de preços das commodities e redução da demanda. Estarão participando do debate Paulo Castellarri (presidente do negócio minério de ferro da Anglo American), Hélcio Guerra (vice-presidente da AngloGold Ashanti), Tito Martins (presidente-executivo da Votorantim Metais), Márcio Godoy (diretor de Exploração da Vale), Luiz Eulálio M. Terra (diretor-presidente da Embu S.A) e Paulo Libânio (diretor geral da Ausenco), Maria Amélia Enriquez (secretária da Indústria, Comércio e Mineração do Pará e conselheira da Brasil Mineral) e José Mendo M. de Souza (diretor da J. Mendo e conselheiro da Brasil Mineral). Na ocasião também serão entregues os troféus Personalidades do Ano do Setor Mineral, concedido pelos leitores da Brasil Mineral. Os homenageados serão: Paulo Castellari (Minerais Ferrosos), Tadeu Carneiro (Outros Ferrosos), Tito Martins (Não-Ferrosos), Hélcio Guerra (Metais Preciosos), Luiz Eulálio M. Terra (Não-Metálicos), Márcio Godoy (Exploração Mineral), Paulo Libânio (Engenharia e Tecnologia Mineral) e Antonio Ermírio de Moraes – In Memoriam (Pioneiro da Mineração). O evento conta com o patrocínio das empresas Volvo e Geosol e com o apoio da Mineração Buritirama. A participação é gratuita, mas restrita a convidados. Informações pelo e-mail [lais@signuseditora.com.br](mailto:lais@signuseditora.com.br).

Fonte: Brasil Mineral OnLine - 679

**31-19/11/2014**

### **GRAFITE**

#### **Magnesita suspende projeto em Almenara**

O Conselho de Administração da Magnesita deliberou a interrupção dos investimentos no desenvolvimento dos recursos de grafite e determinou que a Diretoria explore opções estratégicas envolvendo os recursos certificados e potenciais localizados em Almenara e

Águas Belas, assim como os demais direitos minerais relacionados à grafite. O Conselho deliberou adicionalmente a interrupção dos demais investimentos da Magnesita relacionados à exploração e desenvolvimento de outros recursos minerais, o que implicará na baixa contábil de R\$ 21 milhões, relacionada a esses investimentos, a qual ocorrerá no quarto trimestre de 2014. A Magnesita realizou pesquisas geológicas na área de exploração de Almenara (MG) que até o momento permitiram a identificação de recursos medidos e indicados de 12 milhões de t de grafite com teor médio de carbono grafítico de 2,2%, conforme certificado emitido pela Golder Associates. As pesquisas geológicas também indicaram recursos potenciais adicionais de 48 milhões de t, considerando os recursos de Almenara, além de áreas de exploração potenciais em Águas Belas, que poderiam ser beneficiadas na mesma planta. Os recursos medidos e indicados permitiriam somente uma operação de aproximadamente apenas seis anos com produção 40 mil t/ano.

Fonte: Brasil Mineral OnLine - 679

**32-19/11/2014**

## **VALE**

### **Novos diretores para Ferrosos e Metais Básicos**

O Conselho de Administração da Vale aprovou Peter Poppinga como novo Diretor Executivo de Ferrosos. Ele substituirá José Carlos Martins, que ocupava o cargo previamente e que está de saída da mineradora. O novo Diretor tem passagens pela Samitri e Samarco e entrou na Vale em 1999 na área Comercial de Minério de Ferro. Já ocupou posições nos escritórios comerciais da empresa no exterior, tendo sido Diretor de Vendas em Nova Iorque, na Bélgica e CEO da Vale International na Suíça. Em 2007, logo após a aquisição da empresa canadense Inco, ele ocupou diversos cargos corporativos em Toronto, no Canadá. Em 2009, atuou como COO de Metais Básicos Ásia e Pacífico, baseado na Austrália. Em 2011, foi nomeado Diretor Executivo de Metais Básicos e TI, liderando 16 operações em todo o mundo, trazendo grandes transformações e otimizações que revigoraram o negócio e melhoraram significativamente seus resultados. "A Vale tem os melhores ativos de minério de ferro da indústria", disse Poppinga. "Estamos muito bem posicionados para criar valor para os nossos acionistas através de excelência operacional e maior enfoque em produtividade. O impacto desses esforços se somará aos resultados a serem alcançados pelo aumento de volume e melhoria de qualidade que estamos apenas começando a entregar." Já Jennifer Maki assumirá a Diretoria Executiva de Metais Básicos. A executiva entrou na Vale em 1993 e exerceu diversas posições como VP & Tesouraria e Chief Financial Officer (CFO). Desde janeiro de 2014, ocupa a posição de Diretora de Finanças e Administração de Metais Básicos, além de participar ativamente da gestão dos negócios de Metais Básicos fora do Canadá, com assento no Conselho de Administração da PTVI (Indonésia) desde 2007, sendo atualmente presidente do mesmo.

Fonte: Brasil Mineral OnLine - 679

**33-19/11/2014**

**CSN**

### **Expansão de casa de Pedra encontra obstáculo**

José de Freitas Cordeiro, Prefeito de Congonhas do Campo (MG), decidiu encampar as queixas da população contra o projeto de expansão da Companhia Siderúrgica Nacional (CSN) na mina casa de Pedra. A siderúrgica quer ampliar sua barragem de rejeitos de minério de ferro, o que pode comprometer um bairro caso haja algum rompimento da obra. A medida do Prefeito pode atrapalhar os planos de ampliação da CSN, que necessita de uma barragem maior para saltar a produção das atuais 26 milhões t para 40 milhões t/ano. A CSN informou que busca diálogo com Prefeitura e moradores para mostrar que uma barragem maior não apresenta riscos à população. O acidente ocorrido em uma barragem de outra mineradora em setembro, na cidade de Itabirito, preocupa os moradores de Congonhas do Campo. Ao Valor Econômico, o Gerente-Geral de Meio Ambiente da CSN, Newton Augusto Viguetti Filho, reconhece que falta comunicação entre a empresa e população, mas se surpreende com algumas posturas adotadas antes mesmo de se ter um diálogo. A CSN afirma ainda que possui licença prévia de órgãos ambientais mineiros para ampliação de casa de Pedra, o que inclui a expansão da barragem. A Prefeitura rebate ao alegar que a siderúrgica precisa de uma declaração de conformidade do município para elevar as paredes da barragem. Dentro de um ano, a CSN espera obter licença de instalação, solicitada junto a Supram, órgão regional de meio ambiente.

Fonte: Brasil Mineral OnLine - 679

**34-19/11/2014**

**CIDADES MINERADORAS**

### **Conselho do Alto Paraopeba será empossado**

No próximo dia 1 de dezembro será empossado o Conselho Estratégico de Desenvolvimento Econômico do Alto Paraopeba – Cedecap. O conselho tem como objetivo planejar e fomentar o desenvolvimento econômico, além de promover a governança para o futuro da região do Alto Paraopeba. A cerimônia de posse acontecerá no Auditório da Secretaria Municipal de Educação, na Praça Barão de Queluz, 11, Centro, em Conselheiro Lafaiete (MG). Para acompanhar a cerimônia de posse do Conselho, enviar e-mail para [lourdes@institutoquadrilatero.com](mailto:lourdes@institutoquadrilatero.com) ou no telefone (31) 3721-3451.

Fonte: Brasil Mineral OnLine - 679

**35-19/11/2014**

**EXECUTIVOS**

### **Geoff Chater deixará a Luna Gold**

Geoff Chater notificou a Luna Gold Corp. que deixará o cargo de Presidente e CEO e de Diretor, por motivos pessoais, no dia 31 de janeiro de 2015. O executivo continuará em suas funções para contribuir na transição e responsabilidades para o novo CEO. A Luna Gold já está procurando um nome para o cargo a ser deixado por Chater. "Gostaríamos de agradecer a Geoff por suas contribuições durante seu mandato na Luna Gold, tanto como diretor e um oficial. Desejamos a ele o melhor em seus futuros empreendimentos", comentou Steven Krause, Presidente da Luna.

Fonte: Brasil Mineral OnLine - 679

**36-19/11/2014**

## **AÇO**

### **Demanda chinesa atinge seu menor nível**

Segundo o mais recente estudo do Platts China Steel Sentiment Index (Platts CSSI), os participantes do mercado chinês de aço esperam uma queda na demanda este ano, com perspectiva de baixa nas exportações para cerca de 25,61 pontos de um total de 100 pontos em novembro. O índice alcançou 12,47 pontos – sua marca mais baixa desde a implantação em maio de 2013 – ante os 38,09 pontos em outubro. O CSSI reflete as expectativas dos participantes do mercado para o próximo mês. Um índice CSSI acima de 50 indica um aumento/expansão e uma leitura abaixo de 50 indica um decréscimo/contração. "A especulação de que a China está considerando remover reduções de impostos sobre as exportações de certos produtos siderúrgicos da construção tem enfraquecido a expectativas de demanda", disse Paul Bartholomew, Editor-Chefe de aço e matérias-primas da Platts. A leitura de 34,48 para a produção de aço em novembro caiu 0,51 ponto mês a mês, e é a leitura mais fraca desde novembro de 2013. O único sub-índice que aumentou - embora muito ligeiramente – foi a expectativa de preços do aço, que já era muito fraca. Todos os sub-índices em novembro ficaram bem abaixo nas leituras médias das comparações com 2013.

Fonte: Brasil Mineral OnLine - 679

**37-19/11/2014**

### **Preço do minério pode ameaçar minas de baixo custo**

Estadão Conteúdo

Os preços do minério de ferro atingiram, na quarta-feira, 19, seu valor mínimo desde junho de 2009. A cotação do insumo encerrou ontem US\$ 70 a tonelada, queda de 2,9% em relação ao dia anterior e desvalorização de 48% desde o início do ano. A base de referência é o minério com teor de concentração de 62%, negociado no porto de Tianjin (China). Se essa trajetória de queda se mantiver, as minas de baixo custo, que são

aquelas vistas como blindadas aos valores mais baixos do insumo - caso das minas da Vale - poderão ter sua rentabilidade colocada em xeque.

A queda dos preços do minério reflete, além da desaceleração da economia mundial, o aumento da oferta global do insumo, puxado por investimentos feitos pelas três maiores companhias - Vale, BHP Billinton e Rio Tinto. Apenas a produção da Vale, por exemplo, de janeiro a setembro, cresceu 8,1% na comparação com igual período de 2013.

Apontada como uma das poucas mineradoras do mundo que conseguiria se manter lucrativa com o preço em US\$ 65 a tonelada, as ações da Vale têm sido penalizadas. As ações preferenciais acumulam perdas de quase 40% no ano e as ordinárias, de 35%.

Analistas de mercado já começaram a chamar a atenção em relação ao preço do minério e as consequências para algumas operações da Vale, assim como da Companhia Siderúrgica Nacional (CSN).

Entre as operações da Vale, os sistemas Centro-Oeste (Mato Grosso do Sul) e Sul-Sudeste (Minas Gerais) são vistos com mais cautela, já que entre as operações da companhia, essas têm custos mais altos. Um analista destaca que a operação Centro-Oeste, que possui problemas de logística, é pouco representativa para a Vale, ao contrário do Sistema sul-sudeste.

Relatório do Citi calcula que o minério do sistema Sul-Sudeste tenha um ponto de equilíbrio ("break-even point", que é aquele em que as receitas se igualam às despesas) em US\$ 65 a tonelada, excluindo as pelotas (que é de melhor qualidade), de acordo com a instituição financeira. O mesmo valor é apontado pelo Citi como o "break-even" em Ebitda (lucro antes de juros, impostos, depreciação e amortização) da mina Casa de Pedra, da CSN. Já a Namisa, estaria operando no vermelho.

De acordo com o relatório do Citi, o ponto de equilíbrio para a produção de pelotas da Vale é de US\$ 44 e, em Carajás (Sistema Norte), de US\$ 50. Com o custo nesse patamar, implicaria em postergar plano de investimentos, venda de ativos e aumento da dívida líquida.

O BTG Pactual destacou, também em relatório, que um cenário de preço abaixo de US\$ 80 a tonelada em 2015 e em 2016 poderá colocar em risco a distribuição de dividendos mínimos da Vale, de US\$ 1,8 bilhão, mesmo assumindo venda de ativos, que somam US\$ 2 bilhões. "Essa avaliação se baseia na tese de que os dividendos da Vale não serão financiados por alavancagem", segundo o documento.

### **Dogma**

A queda do preço do minério neste ano acabou rompendo com o dogma de que com o valor do insumo abaixo de US\$ 100 de forma prolongada provocaria o fechamento de capacidades de produção da matéria-prima de mais alto custo, em especial na China. Na prática, apenas uma capacidade foi suspensa desde maio, quando as cotações recuaram abaixo de US\$ 100.

Na esteira da queda do preço, aconteceu uma onda de revisão da recomendação para as ações da Vale. Além do Citi que reduziu de neutro para venda, o Credit Suisse rebaixou para "underperform", ou seja, um desempenho abaixo da média do mercado. O J.Safra reduziu para neutro, assim como o BTG Pactual.

Com esse cenário, a Vale tem defendido a importância de que seu projeto Serra Sul (S11D) siga no atual ritmo, já que quando começar a operar a mina terá garantido minério de mais baixo custo, o que será importante na fase de preços mais baixos. As informações são do jornal **O Estado de S. Paulo**.

**38-19/11/2014**

### **Vale inicia produção de níquel em Long Harbour**

A mineradora brasileira Vale inaugurou Long Harbour, a sua nova planta de níquel canadense. Trata-se de um investimento de 4,5 bilhões de dólares que irá processar o minério de níquel de Voisey's Bay no Labrador. A mina abriu em 2005.

A Vale lutou por anos para finalizar o acordo que permitia a operação de Long Harbour. A planta que utiliza uma tecnologia ultramoderna só entrará em produção total no final de 2016, quando terá mais de 500 funcionários e produzirá 50.000t de níquel.

Fonte: [www.geólogo.com.br](http://www.geólogo.com.br)

**39-20/11/2014**

### **Ebola desacelera projetos de mineração na África**

Por **Patrick McGroarty, David Gauthier-Villars e Alex MacDonald** | **The Wall Street Journal**, da **Libéria, Guiné e Londres**

Quando o governo da Guiné se comprometeu a abrir suas vastas reservas de minério de ferro este ano, depois de incontáveis atrasos, Moïse Foulah vislumbrou um período de prosperidade. Afinal, sua empresa vende explosivos para as mineradoras - e elas estão se amontoando na Guiné e países vizinhos.

Mas, em vez disso, um canto promissor da economia mundial está agora repleto de projetos de mineração paralisados. A epidemia de ebola afastou navios e aviões, levou expatriados a abandonar seu trabalho e atrasou a criação de milhares de empregos para os habitantes dos três países pobres da África Ocidental que foram os mais atingidos pelo vírus: Guiné, Libéria e Serra Leoa.

"Todos os projetos estão paralisados", diz Foulah, diretor-presidente da empresa de explosivos para mineração ECP Guinée.

A gigante do aço ArcelorMittal SA adiou uma expansão de US\$ 1,7 bilhão em sua mina de minério de ferro na Libéria. Um dos maiores investidores da Serra Leoa, a London Mining PLC, entrou com pedido de recuperação judicial em outubro, depois que a queda dos preços do minério de ferro e as preocupações com o ebola reduziram sua capacidade de atrair investimentos e resolver seus problemas financeiros. E, na Guiné, a

Rio Tinto PLC parou de operar uma mina de minério de ferro de US\$ 20 bilhões na região mais atingida pelo vírus.

Ou seja, o setor que as autoridades da região acreditavam que iria tirar seus países da pobreza se tornou vítima do pior surto de ebola já registrado.

"Pensávamos que estávamos moldando o futuro", diz Etweda Cooper, superintendente do condado liberiano de Grand Bassa, a região ao redor do porto de Buchanan, da ArcelorMittal.

Não era para ser assim. A Guiné possui 66% das reservas mundiais de bauxita, ingrediente essencial do alumínio, e depósitos volumosos de minério de ferro. Libéria e Serra Leoa possuem imensas reservas de diamantes, ouro e minério de ferro.

Mas, em março, os primeiros casos da febre viral hemorrágica foram confirmados na Guiné. Executivos envolvidos em projetos de mineração na região pensaram que a epidemia iria irromper e depois recuar como aconteceu antes em partes da África Oriental e Central.

Os casos de ebola, porém, começaram a se espalhar nos vilarejos e nas famílias dos empregados liberianos da ArcelorMittal. A empresa construiu uma clínica, instalou jarros de água clorada e começou a medir a temperatura corporal dos empregados ao redor da mina e do porto em Buchanan. Mesmo assim, centenas de empreiteiras saíram do país em agosto à medida que a epidemia se espalhou até Monrovia, capital da Libéria.

Agora, um carregador de navios de três andares, a maior máquina industrial já importada na Libéria, permanece sem uso perto do porto de Buchanan. Um terreno está entulhado de contêineres cheios de equipamento de construção.

Também paralisado está o plano da ArcelorMittal de contratar 2.000 pessoas para ajudar a triplicar o volume de minério de ferro explorado todo ano no país, cujas oportunidades de emprego formal são raras.

"Quanto mais minério de ferro nós extrairmos, mais todo mundo ganha, incluindo o governo", diz Denis Foulds, diretor portuário e de logística da siderúrgica na Libéria. As operações continuam, diz Foulds, mas a expansão foi interrompida.

As autoridades receiam que a retração possa atrasar em dez anos o desenvolvimento da região, que apenas recentemente conseguiu sair de um ciclo de guerra e turbulência política.

O comércio com os três países mais atingidos pelo ebola caiu pelo menos 10%, segundo o gigante da navegação A.P. Møller-Mærsk A/S. Se o ebola se espalhar para países maiores como a Costa do Marfim e a Nigéria, o Banco Mundial afirma que o custo regional poderia chegar a US\$ 33 bilhões.

"O ebola é uma ameaça séria a tudo por que nós trabalhamos", diz o ministro liberiano das Fazenda, Amara Konneh.

O ebola não é o único desafio que as mineradoras enfrentam na região. Uma queda global nos preços das commodities - provocada por fatores como a redução do apetite da China por matérias-primas - já vinha afetando os lucros.

Os preços do minério de ferro atingiram seu menor nível em cinco anos na terça-feira. O preço do ouro está perto de um mínimo de quatro anos. Os do alumínio caíram mais de 25% desde seu pico de 2011.

Mas o ebola atingiu mais essas mineradoras que a flutuação dos preços porque o vírus afugentou empregados com a qualificação necessária para manter os projetos funcionando.

"Temos um nível de complexidade que não tínhamos antes", diz Tony Carr, diretor-presidente da MonuRent Ltd. Carr teve que treinar empregados na Europa para atender a um contrato de US\$ 230 milhões de fornecimento e manutenção de uma frota de caminhões e escavadoras para a mina de ouro operada pela Aureus Mining Inc. na Libéria.

Algumas autoridades estão minimizando o impacto do ebola. Na Guiné, o governo está avaliando a compra pela ArcelorMittal dos direitos de mineração do Monte Nimba, que é rico em minério de ferro e fica próximo da fronteira da Libéria, mesmo com o ebola assolando a área.

Mesmo assim, a marcha do ebola em direção aos cantos mais remotos dos três países está desacelerando a maioria dos projetos de mineração de longo prazo.

(Colaborou Peter Wonacott.)

**40-20/11/2014**

### **Produção de aço chinesa está perto do auge**

Por **Thomas Biesheuvel e Jesse Riseborough | Bloomberg**

O presidente da China, Xi Jinping, não se dirigia, obviamente, às produtoras mundiais de minério de ferro quando disse, neste mês, que os riscos decorrentes da desaceleração da expansão de seu país "não são tão assustadores".

Os gigantes da mineração apostaram US\$ 120 bilhões, na suposição de que a produção de aço da China não alcançará seu pico antes de 2030. Num momento em que o preço



do minério prosseguia em queda para alcançar sua baixa recorde dos últimos cinco anos, ontem, parece cada vez mais que eles entenderam mal a situação. Trata-se de um erro de cálculo que pode ter enormes consequências para as empresas, encabeçadas pela BHP Billiton e pelo Rio Tinto Group.

"Sempre fui da opinião que as mineradoras têm a melhor inteligência sobre esse assunto, já que grandes decisões de investimento se baseiam nela", disse Richard Knights, analista do banco de investimento Liberum Capital. "Mas, mesmo se elas tiverem errado só por uma margem pequena, isso terá grandes implicações sobre a lucratividade e sobre o preço de suas ações por vários anos."

O minério de ferro é a commodity de pior desempenho neste ano, e a desaceleração da economia convenceu alguns analistas e siderúrgicas de que o pico da produção de aço está próximo na China, a maior produtora mundial.

A produção da China alcançará seu ponto máximo em não mais do que três anos, desencadeando fechamentos, em vez de expansões de usinas, segundo Wolfgang Eder, presidente da Associação Mundial do Aço e principal executivo da Voestalpine AG, a maior siderúrgica da Áustria.

"Terá de haver uma reestruturação no setor siderúrgico chinês", disse Eder. "As produtoras de minério de ferro estão cada vez mais conscientes de que precisam redefinir suas expectativas de crescimento. Há enorme capacidade excedente, e vem mais por aí. Isso vai aumentar a pressão."

O quadro atual representa uma grande mudança. A cada um dos últimos dez anos, a China abriu novas usinas, com capacidade para ultrapassar a produção anual da Alemanha, a maior produtora de aço da Europa. A escalada dos novos altos-fornos criou um turbilhão de consumo, que devorou metade do volume de minério de ferro mundial e criou fortunas sem precedentes, desde a região australiana de Pilbara até a bacia Amazônica brasileira. Esse trem da alegria, que gerou vendas anuais de minério de ferro de cerca de US\$ 160 bilhões no ano passado, está perdendo velocidade.

O principal defeito das produtoras de minério de ferro, a commodity mais comercializada internacionalmente depois do petróleo, é que elas tendem a ser "superotimistas", disse Kirill Chuyko, diretor de análise setorial do BCS Financial Group de Moscou. "Errar é humano", disse Chuyko, que considera que o pico da produção de aço chinesa foi alcançado. "A demanda chinesa está caindo."

Diante do fato de que a China se encaminha para registrar a expansão mais fraca em mais de 20 anos, os dirigentes do Partido Comunista cogitaram diminuir a meta de crescimento para 2015, segundo fonte bem-informada. A perspectiva de que o crescimento continuará em desaceleração prejudicou os preços das commodities, desde o carvão até o petróleo.

O minério de ferro perdeu 48% do valor, passando a US\$ 70,20 a tonelada neste ano, sua cotação mais baixa desde 2009, segundo a publicação especializada Metal Bulletin, e recuou 2,2% ontem. O Citigroup previu que a commodity poderá cair para menos de US\$ 60 a tonelada no ano que vem. Seu pico foi de US\$ 191,70, alcançado em fevereiro de 2011.

O mercado de minério de ferro deu uma guinada para um superávit "estrutural" em meados de 2014, disseram os analistas Fawzi Hanano e Eugene King, do Goldman Sachs, em relatório do dia 6. Esse excedente vai aumentar para quase 300 milhões de toneladas por volta de 2017, calcularam eles. As mineradoras, lideradas pela BHP e pela Rio Tinto, investiram US\$ 120 bilhões em gastos com novas minas desde 2011.

Um total de 24 projetos de minério de ferro foram iniciados ou aprovados desde 2011, segundo o Goldman Sachs. As minas têm capacidade anual conjunta de extrair 726 milhões de toneladas e incluem operações em Austrália, Brasil, Serra Leoa, Canadá, Rússia, Ucrânia e Libéria.

A BHP baixou suas expectativas para a produção siderúrgica da China no mês passado, embora ainda preveja que o país a elevará em 25% no período 2020-2025, para de 1 bilhão a 1,1 bilhão de toneladas. A expectativa da Rio Tinto é de que a produção de aço da China será de 1 bilhão de toneladas em 2030, aproximadamente.

A BHP e a Rio Tinto operam na região de Pilbara, na Austrália ocidental, rica em ferro, o maior centro de produção mundial. A Rio Tinto planeja aumentar a produção em 11% neste ano, para 295 milhões de toneladas, alcançando pelo menos 330 milhões de toneladas a partir de 2015. A BHP está elevando a produção da região para cerca de 245 milhões de toneladas no período de 12 meses a encerrar-se em junho.

As siderúrgicas chinesas, incluindo a Hunan Valin Iron & Steel Group, 11ª maior do país, estão cautelosas com os rumos da economia, que se encaminham para alcançar sua taxa mais baixa de crescimento desde 1990, diante da queda do mercado imobiliário e da freada nos investimentos.

"A demanda por aço manterá um ritmo baixo de crescimento possivelmente por três a cinco anos", disse Li Jianguo, diretor-geral da Hunan Valin. "Eu não diria que o crescimento vai durar pelos próximos dez anos."

**41-20/11/2014**

### **Especialistas discutem desenvolvimento nos territórios minerais**

Para debater os desafios da mineração e de que forma as empresas ligadas ao setor podem contribuir com o desenvolvimento das comunidades foi realizado na EXPOSIBRAM Amazônia 2014 o talk-show "Mineração: consolidando o desenvolvimento nos territórios minerais". O encontro reuniu Cloves Carvalho, Diretor

do Instituto Votorantim; Andreia Rabetim, gerente de Parcerias da Fundação Vale; Jenny Karlsen, Assessora Estratégica do PNUD/ONU; Adnan Demachki, Secretário Especial de Estado de Proteção Social e Desenvolvimento Social e Ex-Prefeito de Paragominas e a Jornalista Úrsula Vidal, moderadora do debate.

O Secretário de Estado, Adnan Demachki destacou que é importante que haja pactuação entre governança local e envolvimento da sociedade, que deve participar do processo desde a sua concepção até a execução para ter consciência de todos os desafios dos projetos minerais. “Exemplo disso foi nossa relação com a Vale. Antes da empresa iniciar o projeto de bauxita em Paragominas, posteriormente absorvido pela Hydro, fizemos questão de conhecer a realidade de municípios mineradores, além de acompanhar todas as audiências e participar, ativamente, de todos os passos do projeto. Com isso construímos uma relação de parceria com a mineradora”, afirmou.

O Gestor lembrou no talk-show que um dos resultados positivos dessa parceria foi a erradicação do analfabetismo no município de Paragominas, que à época tinha 12% da população sem saber ler e escrever. “Com apoio da Vale, que nos deu suporte técnico com os professores, conseguimos dar a oportunidade de alfabetização para os adultos e assim zerar o analfabetismo”, relatou.

Sobre a questão da migração, a exemplo de aumento da taxa demográfica no momento de implantação dos projetos, Adnan deu um exemplo de sucesso quando foi gestor de Paragominas, com o projeto Mão Amiga, que custeava a passagem de retorno das pessoas que chegavam ao município, caso não conseguissem emprego e estabelecer residência fixa por um período de dois meses na cidade.

Cloves Carvalho, Diretor do Instituto Votorantim, ressaltou que o principal agente de desenvolvimento no município é o setor público, mas isso não isenta a responsabilidade do setor privado em contribuir, principalmente, com a qualificação local. “Temos um importante papel que é capacitar os gestores públicos e contribuir, de forma direta ou indireta, para atrair investimentos para que a população tenha melhor qualidade de vida. A educação nesse cenário tem um papel transformador. É essencial também se trabalhar com planejamento, tendo metas definidas a médio e longo prazo e se trabalhar de forma integrada. Nosso anseio é que o impacto econômico gerado pelos empreendimentos minerais seja transformado em benefícios sociais para a comunidade”, pontuou.

Jenny Karlsen, do PNUD/ONU, comentou que o desafio de criar governança e estabelecer diálogo com a comunidade é um desafio não apenas da mineração, mas global. “No Brasil, trabalhamos há 40 anos com desenvolvimento local e sustentável e nos últimos dez anos, tendo o olhar mais abrangente junto ao setor privado. Acreditamos que essas discussões de como estabelecer a parceria de todos os atores, poder público, setor privado e comunidade é o grande desafio”, destacou.

Além da relação de parceria, Andreia Rabetim acredita que é preciso identificar as especificidades de cada local para saber as necessidades imediatas da comunidade. “Não adianta querer, por exemplo, inaugurar um hospital de alta complexidade, se naquela comunidade o problema é a atenção básica, então é preciso ter esse olhar diferenciado em cada local, além de gestão social para se trabalhar de forma integrada. Precisamos que todas as discussões sejam debatidas para que possamos gerar proposições integradas”, ressaltou.

Fonte: IBRAM

**42-20/11/2014**

## **Novas dinâmicas do Licenciamento Ambiental**

Há 30 anos, os negócios da mineração no Brasil precisam passar por licenciamento ambiental para iniciarem suas operações, e a cada dia esse processo se torna mais complexo. O maior desafio das empresas é compatibilizar a competitividade com a sustentabilidade. Os fundamentos de avaliação dos impactos no licenciamento ambiental foram revistos pelo chefe do Departamento de Engenharia de Minas e Petróleo da Escola Politécnica da USP, professor Luis Enrique Sánchez, durante o minicurso “Novas dinâmicas do licenciamento ambiental”, na EXPOSIBRAM Amazônia 2014, que ocorre em Belém, até a próxima quinta-feira (20).

“Nós olhamos para o futuro, para temas emergentes que poderão vir a fazer parte das agendas do licenciamento ambiental, que já é bastante ampla”, explicou o professor. Segundo ele, o tema licenciamento ambiental é fundamental para a área de mineração, particularmente para os grandes projetos, porque “a avaliação prévia é uma das chaves do sucesso a longo prazo”.

De acordo com Sánchez, em três décadas houve diversos avanços nos estudos de impactos ambientais particularmente no setor de mineração. “Hoje eles tendem a ser mais detalhados e abrangentes. Há uma preocupação maior com um ponto essencial, que é evitar impactos significativos e não apenas mitigá-los ou compensá-los. Há uma preocupação maior em estabelecer uma relação o mais cedo possível com as comunidades que habitam os territórios onde novos projetos de mineração vão ser instalados”, disse. Ele lembrou que antigamente os projetos eram avaliados muito mais pelo viés técnico, de forma superficial.

No minicurso, ele também apresentou perspectivas para o futuro do licenciamento ambiental. “Talvez novos temas sejam agregados à avaliação de impactos de empreendimentos. Um deles é a saúde das comunidades, ou seja, como os projetos afetam os serviços públicos disponíveis na sociedade”, explicou o pesquisador. Para Sánchez, ainda há um desafio de combinar melhor a avaliação dos impactos e os programas necessários para mitigá-los, para que o desenvolvimento regional se materialize.

Para a professora pesquisadora da Universidade Federal do Pará (UFPA), Márcia Nágem Krag, que participou do minicurso juntamente com alguns dos seus alunos do mestrado, é extremamente importante discutir o licenciamento ambiental. “Esse minicurso foi ocasião para conhecermos experiências. Nesse evento, reunimos gestores estaduais, federais e municipais, professores e estudantes. Além disso, é interessante que o evento seja aqui, pois muitos empreendimentos minerais estão na Amazônia”, avaliou.

Fonte: IBRAM

**43-20/11/2014**

## **UFOP OFERECE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENGENHARIA DE MINAS**

A Associação Brasileira de Metalurgia, Materiais e Mineração (ABM), em parceria a Universidade Federal de Ouro Preto (Ufop) oferece o curso de Engenharia de Minas com ênfase em Beneficiamento Mineral. A pós-graduação está com as inscrições abertas e tem início das aulas previsto para maio. São 18 meses de curso que visa capacitar os alunos para o desenvolvimento de novos procedimentos e técnicas nas áreas de tratamento de bens minerais. O curso tem aulas quinzenais às sextas-feiras e aos sábados. A metodologia de ensino envolve aulas teóricas, aulas práticas laboratoriais, seminários técnicos, visitas técnicas, assistências extra classe, estudos de casos e desenvolvimento de projetos, entre outras atividades. Informações pelo e-mail [thais@abmbrasil.com.br](mailto:thais@abmbrasil.com.br).

Fonte: Notícias de Mineração Brasil

**44-20/11/2014**

### **BRAZIRON ASSINA CONTRATO PARA AQUISIÇÃO DA CHINESA GLOBAL**

A Braziron empresa de mineração listada na Bolsa de Sydney, cujo maior acionista é a brasileira Jacobi Holdings, com jazidas de minério de ferro na Bahia e no Pará, assinou um contrato vinculante para a aquisição da Global Dynamics. A Global Dynamics é uma empresa chinesa que opera minas e plantas metalúrgicas de sílica metálica na China.

Somente em 2014 a Global Dynamic vendeu 46.000 toneladas de sílica metálica que geraram mais de US\$54 milhões em vendas. A Global investiu mais de US\$ 300 milhões em CAPEX de plantas que a tornarão na maior produtora de sílica metálica do mundo. A empresa emprega 700 pessoas e vende seus produtos para o mercado internacional e local. Somente hoje as ações da Braziron subiram 50%.

Fonte: Geólogo

**45-20/11/2014**

### **SIBELCO ABRE INSCRIÇÕES PARA PROGRAMA DE PRESERVAÇÃO EM JAGUARUNA**

A Sibelco, multinacional do setor de mineração, abriu inscrições para o Programa Volta à Vida, que tem como objetivo promover o desenvolvimento de projetos de conservação e monitoramento da fauna e da flora na região de Jaguaruna (SC), onde a empresa possui uma planta de extração e beneficiamento de sílica. Podem ser inscritos projetos de instituições de ensino superior e de pesquisa, organizações não governamentais, associações, sociedades técnico-científicas e fundações de natureza privada, sem fins lucrativos.

Serão selecionados até quatro projetos, sendo de responsabilidade dos participantes a verificação de dados, dificuldades, obtenção de licenças e autorizações para a execução das atividades. O resultado do processo seletivo será divulgado no dia 19 de dezembro. As instituições ganhadoras têm até o dia 31 de janeiro de 2015 para apresentar a documentação necessária e assinar o contrato de parceria com a Sibelco.

Fonte: Notícias de Mineração Brasil

**46-20/11/2014**

## **VALE INAUGURA PLANTA DE PROCESSAMENTO DE NÍQUEL NO CANADÁ**

O presidente da Vale, Murilo Ferreira, inaugurou na última quarta-feira (19) a planta de processamento hidrometalúrgica de Long Harbour, no Canadá. A previsão é que a unidade seja capaz de produzir 50 mil toneladas de níquel por ano, além de cobre e cobalto.

"Nosso negócio de metais básicos, da qual Long Harbour é parte integrante, é uma importante contribuição para o nosso sucesso global e, em parte, graças às contribuições de nossas operações no Canadá, este ano vamos superar a Norilsk Nickel e nos tornar a maior produtora de níquel do mundo", disse Ferreira.

O primeiro volume de níquel da planta de processamento hidrometalúrgica foi produzido utilizando mate de níquel importado da Indonésia pela Vale. O mate de níquel é considerado mais fácil de trabalhar do que o minério obtido na mina da empresa em Voisey Bay, na província de Labrador, também no Canadá.

"É a unidade hidrometalúrgica mais avançada da indústria", disse Jennifer Maki, diretora-executiva para Metais Básicos, que assumiu recentemente o cargo substituindo Peter Poppinga, que passou a ocupar a diretoria executiva de Ferrosos.

Segundo Maki, 8,5 mil horas de trabalho por pessoa foram necessárias para a construção da planta, que foi concluída sem registro de acidentes com afastamento. Cerca de 6 mil pessoas trabalharam no projeto no auge das obras e, atualmente, são 371 contratados, número que pode chegar a 500.

O governo do Canadá foi representado na inauguração pelo senador Norm Doyle, que esteve em Long Harbour, no início deste ano, para anunciar um financiamento federal para ajudar a cidade a estabelecer um parque industrial voltado para empresas de serviços, com o objetivo de atender operações e pessoal da Vale.

A produção de níquel da Vale no terceiro trimestre deste ano registrou alta de 16% e superou as estimativas dos analistas. O volume coloca a companhia próxima da meta de produção de 289 mil toneladas em 2014, volume maior do que o previsto pela Norilsk

Nickel, maior produtora mundial do metal atualmente, que planeja produzir 230 mil toneladas este ano.

Fonte: Notícias de Mineração Brasil

**47-21/11/2014**

## **CNI mostra melhora na atividade da indústria em outubro**

Estadão Conteúdo

Os dados de atividade da indústria em outubro mostraram melhora em relação a setembro, mas continuam abaixo do patamar registrado em 2013. É o que mostra a Sondagem Industrial, divulgada nesta quinta-feira, 20, pela Confederação Nacional da Indústria (CNI). A utilização da capacidade instalada da indústria em outubro teve uma leve alta, subindo de 72% em setembro para 73% em outubro. Houve queda, entretanto, na comparação com outubro do ano passado, quando estava em 75%.

No mês passado, em uma escala na qual valores abaixo de 50 pontos representam queda e acima de 50 pontos representam aumento, a produção industrial registrou 50,8 pontos. Em setembro, havia queda, com o indicador em 49,7 pontos. Na comparação com o mesmo período do ano passado, também houve queda. Em outubro de 2013, o indicador estava bem melhor, em 54,5 pontos.

Apesar da melhora em relação a setembro, os dados de outubro ainda apontam uma atividade industrial fraca, segundo a avaliação da CNI. Além disso, de modo geral, tanto outubro quanto novembro são meses de maior atividade do setor.

A Sondagem mostra ainda que o emprego na indústria continua caindo, com o indicador em 47,1 pontos. Esse recuo, no entanto, é menos intenso que o registrado em setembro, quando o indicador ficou em 46,8 pontos. Em outubro de 2013, o indicador era mais positivo, com 49,9 pontos.

A utilização da capacidade instalada na indústria está bastante distante do usual para esse período do ano. Em outubro, o indicador que faz essa correlação registrou 42,9 pontos, ante 42,5 pontos de setembro. Em outubro de 2013, estava em 46,7 pontos.

O indicador de estoques ficou em 50,5 pontos em outubro, ante 50,2 pontos em setembro. Na relação dos estoques efetivos e os planejados pelos empresários, o indicador ficou em 51,0 pontos em outubro, ante 51,3 pontos em setembro. "Um ponto

de atenção é que o nível de estoques das grandes empresas cresceu e aumentou o volume de estoque indesejados", avaliou a CNI.

### **Seis meses**

As expectativas dos empresários para os próximos seis meses continuam negativas, segundo a sondagem. A pesquisa aponta que o indicador de demanda ficou em 50 pontos em novembro, ante 52,3 pontos em outubro. Os valores variam de zero a cem. Abaixo de 50 revelam expectativas negativas.

A perspectiva quanto ao número de empregados também caiu, de 50,1 pontos para 47,9 pontos. O indicador que mede a expectativa quanto à compra de matérias-primas teve leve queda, de 46,9 pontos para 46,4 pontos.

**48-21/11/2014**

### **Estudo aponta para riscos de radiação no projeto da usina de urânio no Ceará**

Orçado em R\$ 870 milhões, o projeto Santa Quitéria prevê a mineração de urânio e fosfato no município de Itaitaia, localizado na Região Central do Ceará, a 220 quilômetros de Fortaleza. Se as licenças da chamada Usina de Itaitaia forem concedidas em 2015, as obras devem começar em 2016 e a operação em 2018.

O caso vem sendo estudado pelo núcleo tramado da Universidade Federal do Ceará (UFC). As pesquisas constataram uma série de irregularidades no estudo de impacto ambiental apresentado, entre elas, a ausência de licenciamento nuclear, de informações sobre a contaminação radioativa no processo de mineração, de planos de segurança em casos de acidente e normas de proteção aos direitos e à saúde dos trabalhadores e das comunidades da região.

#### **Custo-benefício**

Com a estimativa de uma vida útil de apenas vinte anos, o empreendimento objetiva a exploração de urânio e fosfato e vem sendo proposto por um consórcio formado pela Indústrias Nucleares do Brasil (INB) e o grupo privado Galvani.

Além de outros fatores, as pesquisas alertam para o risco da formação de pilhas de detritos da mineração, com cerca de 90 metros de altura, que ficarão expostas a céu aberto mesmo após os vinte anos de exploração da mina, provocando ameaça de vazamentos e de dispersão do material via ação dos ventos e das águas.

Fonte: Tribuna do Ceará

**49-21/11/2014**



## **CSA BATE RECORDE DE PRODUÇÃO NA PRODUÇÃO DE AÇO**

A ThyssenKrupp divulgou seu balanço referente ao ano fiscal 2013/2014. A empresa contabilizou receita anual de mais de R\$ 9 bilhões, referente ao período de outubro de 2013 a setembro de 2014, o que representa aumento de 15% em relação ao período anterior. Com inauguração do seu novo Service Center prevista para o início de 2015 em Santa Luzia, Minas Gerais, a área de soluções industriais fechou contratos para a prestação de serviços avançados ao setor de mineração.

A Companhia Siderúrgica do Atlântico (CSA), por sua vez, bateu recorde de produção atingindo a marca de 4,1 milhões toneladas de aço, o que representa um aumento de 16% comparado ao mesmo período do ano anterior. Para os próximos 5 anos, a ThyssenKrupp prevê até R\$ 2 bilhões de investimentos no Brasil, conforme a evolução do mercado. O foco será em novas linhas e tecnologias na área de componentes, aumento da capacidade produtiva na área de elevadores e melhorias operacionais na CSA.

Fonte: Notícias de Mineração Brasil

**50-21/11/2014**

## **EMPRESAS DEVEM RESPEITAR COMUNIDADES**

A licença social é um tema recorrente no 4º Congresso de Mineração da Amazônia, parte da **Exposibram 2014**, que encerra-se hoje, no Hangar. A obtenção desse tipo de licença vai além do cumprimento de normas burocráticas e depende do bom relacionamento das empresas com as comunidades tradicionais no entorno dos projetos. O histórico de conflitos, aos poucos, é substituído pela política da boa vizinhança, que traz retorno econômico para ambos os lados. Projetos sociais e de capacitação trazem prosperidade e resgatam características culturais no interior do Pará.

Maria Neuza Cordeiro, de 48 anos, passa seus dias reproduzindo o artesanato de seus antepassados: a arte em argila Konduri. A gente não percebia, mas o uso da argila é algo que sempre fez parte de nosso cotidiano. Minha avó torrava farinha no forno de barro que ela mesma construiu, disse. Enquanto explicava as raízes da arte, Neuza moldava habilmente diversas formas, principalmente partes de animais da floresta. Tiramos a inspiração do que vemos. Acho que é o mesmo que nossos ancestrais faziam. Tentam reproduzir os elementos de seu cotidiano e criam utensílios e ferramentas para facilitá-lo, explicou a artesã.

O processo original da produção artesanal foi resgatado graças ao projeto Educação Patrimonial, uma parceria entre o Museu Paraense Emílio Goeldi e a Mineração Rio do Norte (MRN) no interior do município de Oriximiná. Neuza, da comunidade quilombola do Lago Moura, é um exemplo de como a convivência entre comunidade e empresa pode ser benéfica para a sociedade de modo geral. O projeto beneficia mais de 100 famílias da comunidade do Moura. A oportunidade de trabalho mais qualificado

que gera renda ajuda as famílias locais, segundo a artesã, e os torna independentes economicamente.

O conceito de licença ambiental, que é um processo burocrático, aos poucos é substituído pela licença social. Esta só é conquistada através de um processo de comunicação franco e transparente com os habitantes locais, observou o diretor-presidente da MRN, Silvano Andrade. A empresa atua também, em parceria com a Embrapa, no projeto Sistemas Agroflorestais, que atua no melhoramento da cadeia de produção a farinha de mandioca.

## **INDÍGENAS**

Os povos tradicionais também ganharam um capítulo à parte na questão da licença social. Através de um trabalho conjunto nos últimos dois anos, empresas e líderes de tribos indígenas desenvolveram o rascunho de um guia de como lidar com os povos tradicionais. O documento será disponibilizado na internet em dezembro para consulta pública e receberá sugestões e recomendações antes de definir o rascunho final.

O guia trará exemplos reais de boas práticas que já deram resultados. O objetivo principal é que ele sirva como um caminho das pedras para que as empresas que buscam implantar seus projetos em áreas próximas a estas comunidades possam desenvolver um bom relacionamento com os povos tradicionais, explicou o coordenador da Estratégia Indígena da ONG The Nature Conservancy (TNC), Hércio Souza, que compôs a mesa do painel O desafio do diálogo entre povos indígenas e a mineração: boas práticas apontam o caminho. O documento lista ainda toda a legislação vigente que concerne às tribos indígenas, tanto nacionais quanto internacionais, observando regras existentes na Constituição Federal e orientações da Organização das Nações Unidas (ONU).

A licença social, aliás, é o terceiro dos principais riscos para o setor de mineração citados na lista desenvolvida pela consultoria Ernst & Young (EY). As comunidades tradicionais, quando não estão em harmonia com o projeto, podem atrasar e até inviabilizar sua implantação, o que gera um prejuízo grande e nem sempre calculado, observou o diretor de Auditoria do Centro de Energia e Recursos Naturais da EY, Daniel Peixoto.

Para garantir a saúde financeira do projeto, a articulação da empresa com as comunidades locais é essencial. Há alguns anos, no Chile, vimos ondas de protestos e greves gerados pela inquietação social que prejudicaram bastante a atuação da mineração no país. Aqui no Brasil, este ano, tivemos muitos protestos contra a implantação do mineroduto Minas-Rio. Tudo isso gera um impacto, analisou o diretor.

Fonte: O Liberal

**51-21/11/2014**

**SETOR MINERAL ESTÁ OTIMISTA COM O PARÁ**

A potencialidade mineral do Pará é grande, apesar de ser um estado novo na indústria mineradora, com apenas 25 anos de atuação no setor. Foi o que declarou o diretor de Assuntos Ambientais do **Instituto Brasileiro de Mineração (IBRAM)**, Rinaldo Mancin durante o encerramento da 4ª edição do Congresso de Mineração na Amazônia e Exposição Internacional da Amazônia, a **Exposibram Amazônia 2014**.

O evento ocorre a cada dois anos em Belém e finalizou ontem (19) após três dias de palestras e minicursos promovidos por diversos profissionais que atuam no setor da indústria mineral com o objetivo de pautar especialmente o contexto político e socioeconômico mundial e perspectivas de negócios para as próximas décadas, observando e traçando soluções para diminuir os impactos ambientais. O congresso e a feira de exposição são voltados para profissionais, empresários, fornecedores e estudantes do setor público e privado.

De acordo com Mancin, o Pará é um dos estados mineradores mais importantes para o desenvolvimento do estado e do Brasil, pela grande área que ainda há para desenvolver, podendo ser a região do futuro da mineração brasileira. O futuro é aqui. Aqui tem novas descobertas, a potencialidade do Pará é muito grande e ainda é um estado jovem na mineração, declarou otimista.

Ainda de acordo com o diretor, para cada um emprego gerado no setor da mineração, 13 são gerados indiretamente, sendo no Pará 20 mil empregos gerados diretamente e 270 mil indiretos e 30% do PIB (Produto Interno Bruto) . Mancin adiantou que nos próximos anos, dos 53 bilhões de dólares que serão investidos na indústria mineral, 30% será investido aqui na região. Não há dúvida que o Pará está casado com a mineração, cada vez mais consolidada, disse.

Estima-se que 10 mil pessoas tenham participado da **Exposibram 2014**. De acordo com Mancin, mesmo com a crise que o setor mineral tem passado, a feira superou expectativas dos negócios. Apesar do momento de queda dos minérios, a feira esta cheia de expositores. Com certeza, ele vai querer retornar daqui a dois anos. O objetivo é criar a oportunidade de negócios, explicou.

Fonte: Diário do Pará

**52-21/11/2014**

## **AGENDA PÚBLICA DEBATE DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL NOS TERRITÓRIOS MINERADORES**

Programação, que fez parte do encerramento da **EXPOSIBRAM Amazônia**, mostrou a necessidade da mineração incentivar atividades econômicas baseadas em outras cadeias produtivas

De que forma um empreendimento mineral pode gerar desenvolvimento sustentável nas comunidades onde atua? Como deve ser a interação do poder público, empresas e sociedade? E que legado ficará para comunidade no final do ciclo? Esses foram alguns questionamentos que instigaram os participantes do minicurso “Diálogos para o desenvolvimento: experiências e modelos para o desenvolvimento de territórios com mineração”, ministrado nesta quinta-feira (20), último dia da **EXPOSIBRAM Amazônia 2014** pelos diretores da OSCIP (Organização da Sociedade Civil de Interesse Público) Agenda Pública, Bruno Gomes e Sérgio Andrade, e pela facilitadora e psicóloga, Ligia Pimenta.

Mais do que falar das contribuições, relatando experiências de sucesso, o minicurso veio com a proposta de provocar a curiosidade das pessoas e dos atores do Pará que participaram da **EXPOSIBRAM** para outros aspectos que parecem mais importantes e que tem o intuito de fazer da mineração um fator de desenvolvimento sustentável em qualquer território, especificamente no Pará que é local com potencial minerador gigantesco. “O minicurso trouxe alguns conceitos e noções, mas também experiências e novas abordagens de como tratar a mineração e pensar de que forma os empreendimentos de mineração podem apoiar e promover o desenvolvimento territorial na questão social, econômica, ambiental e também política, em especial no desenvolvimento de políticas públicas. Essas quatro dimensões são essenciais”, pontuou o sociólogo e diretor da Agenda Pública, Bruno Gomes.

O especialista ressaltou que apesar da mineração não ser uma atividade sustentável todo o tempo, pelo fato de ter reservas limitadas, ela pode promover sustentabilidade e criar condições para implantação de atividades, com crescimento econômico baseado em outras cadeias produtivas, com maior participação da sociedade civil e com políticas e serviços públicos de maior qualidade para a população. “A mineração pode proporcionar isso com o cuidado sempre de que essas ações possam ser apropriadas pelas pessoas que vivem naquele território. Acredito que esse é o fator de sustentabilidade principal”, avaliou.

Cláudia Salles, gerente de Assuntos Ambientais do **IBRAM (Instituto Brasileiro de Mineração)** acredita que o minicurso na **EXPOSIBRAM** deu a oportunidade de construir diálogos, colocando numa mesma discussão pessoas que representam o setor da mineração, poder público e sociedade civil para proporcionar a troca de experiências. “A ideia de conseguir construir um diálogo que ensina da temática de mineração é importante para que essa atividade seja um catalisador para o benefício das comunidades. A ideia é entender e construir coletivamente essa possibilidade. Essa temática de território é um assunto que o IBRAM vem tratando em diversos seminários, congressos. Também estamos fortalecendo a parceria com a sociedade civil e transmitindo a informação para os nossos associados da importância de ser transparente e de se construir o diálogo na comunidade onde a atividade mineral está inserida”, destacou.

Eder Rezende, engenheiro de Produção Mecânica da Secretaria de Obras de Parauapebas, participou do minicurso e disse que o encontro mostrou o quanto é importante que prefeituras e mineradoras estejam trabalhando em parceria para o desenvolvimento dos territórios. “É muito importante também que o poder público municipal como um todo esteja envolvido no processo. Foi muito bom ter conferido alguns exemplos que eles implementaram em cidades mineradoras para trazer essa nova visão e gestão e promover formas de diálogos com a população. Com certeza, a nossa visão se amplia e vamos buscar entender como a prefeitura pode atuar de forma institucional e mais eficaz nos programas assistenciais, de saúde e de infraestrutura”, comentou.

Fonte: IBRAM

**53-21/11/2014**

### **BHP prevê excesso de oferta e maior queda nos preços**

Por Assis Moreira | De Brisbane (Austrália)

Mackenzie, presidente, disse que a BHP está preparada para enfrentar o atual cenário de preços baixos da commodity

A BHP Billiton, número um mundial da mineração, estima que a oferta de minério de ferro vai exceder a demanda por vários anos e definiu a estratégia para se expandir em atividades mais lucrativas como petróleo e cobre.

Em entrevista ao **Valor**, o presidente executivo, Andrew Mackenzie, evitou fazer projeção de preço no curto prazo para o minério de ferro, mas destacou que a evidência é que o valor do produto está se achatando na medida em que mais oferta de baixo custo é adicionada no mercado.

O executivo disse que Billiton previu e se preparou para essa situação e que elaborou uma estratégia para ser um produtor de menor custo ainda, completando: 'so far so good' ('até agora, tudo bem').

A produtividade de suas operações de minério de ferro na Austrália ocidental aumentou 20%, segundo a companhia. Somente este ano, o preço do minério declinou 48%, em parte por causa da desaceleração da economia da China. Mas a expectativa é de que a cotação continue caindo no ano que vem.

Na entrevista a margem do G-20, onde integrou uma delegação do setor privado que foi conversar com chefes de Estado, Mackenzie disse que a BHP Billiton não tem feito grandes investimentos em minério de ferro desde 2009. E que desde 2011, a companhia mudou seus investimentos de longo prazo para petróleo e cobre.

Como outras companhias de recursos naturais, a BHP Billiton procura reduzir custos para reforçar seu balanço e garantir melhor rendimento aos investimentos, mesmo com a situação atual do minério de ferro, que representa 50% de seu faturamento.

Ontem, na assembleia geral da BHP Billiton, em Adelaide, Mackenzie anunciou o plano de submeter aos acionista, em maio, a separação de seus ativos entre o que é central e o que não é. A companhia manterá quatro pilares - minério de ferro, carvão, petróleo e cobre -, com potássio como possivelmente o quinto elemento.

Outras commodities, incluindo alumínio, manganês, prata e níquel, deverão integrar uma nova companhia que analistas financeiros estimam poder valer US\$ 16 bilhões. A nova companhia será o maior produtor mundial de manganês e terá a maior mina de prata.

Mackenzie disse, em Adelaide, que a BHP continua a obter "lucro decente", apesar de queda de preços das commodities.

**54-21/11/2014**

### **Minério de ferro preocupa**

A BHP Billiton, número 1 do mundo na mineração, estima que a oferta de minério de ferro vai exceder a demanda por vários anos e, por isso, decidiu que vai expandir atividades mais lucrativas, como petróleo e cobre, disse o presidente-executivo, Andrew Mackenzi.

Fonte: Valor